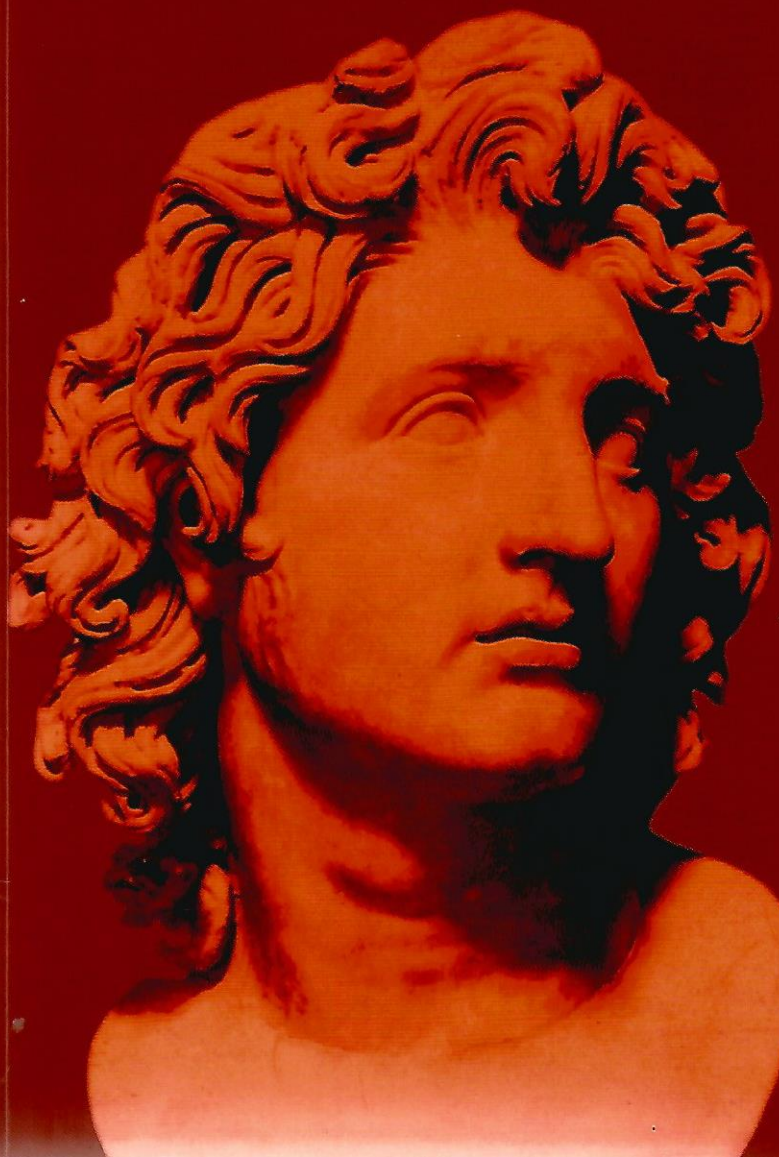
ALEXANDRE O GRANDE



HUNTER
BOOKS EDITORA

A história de conquistas de Alexandre III da Macedônia, mundialmente conhecido como Alexandre, o "Grande" (ou Alexandre Magno) e considerado o maior militar da antiguidade, é um dos grandes capítulos sobre líderes da humanidade.

Discípulo do filósofo grego Aristóteles, desde cedo, Alexandre demonstrou enorme personalidade e uma vocação nata para estratégias de guerra e expansão de territórios. Com a morte precoce de seu pai, o Rei Filipe II, precisou assumir o trono aos 20 anos, herdando um exército hábil e capacitado.

ALEXANDRE, O GRANDE

Diretor Geral
EQUIPE EDITORIAL HUNTER BOOKS EDITORA

Coordenação editorial
CRIATIVO E ART.

Revisão
NAZARÉ BARACHO

Projeto gráfico e capa
LUMIAR DESIGN

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

ALEXANDRE, O GRANDE
A construção de um mito de longa duração

Título original:
Alexandre, o Grande - A construção de um mito de longa duração

Copyright © 2015 by Hunter Books Editora

1ª edição – Verão de 2015

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, sob qualquer forma, sem prévia autorização dos editores.

Publisher: **Claudio Varela**
Publisher: **Ednaldo Varela (Ado)**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Elaboração: Aglaé de Lima Fierli CRB- 9/412)

T739n Trevisan, Marcelo Chaves.
Alexandre, o grande: a construção de um mito de longa duração / Marcelo Chaves Trevisan; projeto gráfico de capa Lumiar Design. – São Paulo: Hunter Books, 2015.
136 p.: il.; 13x21 cm. (O essencial Conquistadores)

ISBN: 978-85-65042-58-1

1. Alexandre, o Grande, 356-323 a. C. I. Título. II Série. III. Lumiar Design. Ilust.

CDD 921

INDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Alexandre, o Grande, 356-323 a. C. 921
Alexandre, o Grande : Líderes : Macedônia (Grécia) 921
Alexandre, o Grande : Cultura grega 938 (092)

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

Direitos cedidos de edição à Hunter Books Ltda.
www.hunterbooks.com.br
www.editorahb.com.br
editorial@editorahb.com.br

SUMÁRIO

I. A construção de um mito de longa duração.....11

II. O mundo antigo antes de Alexandre.....21

III. Felipe II e o início da expansão macedônia.....37

IV. Alexandre, o Grande: ascensão de um conquistador 47

V. O Império de Alexandre.....59

VI. Um reinado sem Rei.....77

VII. Legados: sociedade, poder e cultura.....97

VIII. Criando um imaginário: representações.....109

IX. Entre feitos e mitos: a longa duração do jovem rei... 123

Bibliografia.....129

I

A construção de um mito de longa duração

O ato de rememorar acontecimentos não é um privilégio do mundo contemporâneo, a História, mesmo que de modos diversos, e tendo seus métodos reinventados ao longo do tempo, sempre existiu. De 485 a.C. a 425 a.C. estava no mundo grego aquele que seria considerado por muitos o primeiro historiador, Heródoto de Halicarnasso[1], que, preocupado com que as ações de seu tempo fossem registradas, bem como os conflitos e as batalhas, se propôs a escrever e narrar tudo aquilo que conhecia por sua própria vivência. Ele é, por muitas vezes, rotulado como o "pai da História", já que divulgou e realizou, por meio de seus escritos, a importância de registrar os acontecimentos e influenciou seus contemporâneos a fazerem o mesmo. Nesse momento, portanto, a única preocupação era quanto *à narração* dos fatos, aspecto metodológico dos estudos históricos que se modificou ao longo dos séculos.

1. Halicarnasso é o nome de uma antiga cidade grega, situada na costa sudoeste da região da Anatólia.

Também é atribuída a Heródoto a ideia clássica de história como *res gestae*, isto é, dos eventos ou das coisas feitas. De modo atualizado, o termo também pode ser entendido como a busca, a pesquisa ou a investigação sobre algo, especialmente um acontecimento. Em linhas gerais, essa noção antiga apontava para duas dimensões da História: como "realidade" (*res gestae*) e a complexidade dos fatos humanos no decorrer do tempo e como "conhecimento" (*Historia rerum gestarum*), por meio do relato dos fatos humanos, ou de sua narrativa histórica. Assim, os antigos, como Heródoto, já sabiam que havia uma história quase inalcançável sobre aquilo que aconteceu de fato e outra atingível, aquela narrada pelos historiadores. O que resta de sujeitos como Alexandre, o Grande? A história que foi contada.

O campo da História, assim, sofreu mudanças significativas e foi reformulado e reinterpretado no desenrolar das épocas. Já no século 19, considerado por muitos como o "século da História", esteve o historiador alemão Leopold Von Ranke, que, ainda dentro de uma perspectiva da história narrativa, acreditava que era possível se aproximar da *verdade* dos fatos, além de destacar a importância da história dos "grandes homens" e dos "grandes feitos", prioritariamente relacionadas às questões de cunho político (e pouco interessado com aspectos sociais e culturais). Tal modelo chamado *rankeano* influenciou toda uma geração de pensadores.

Os historiadores dos séculos posteriores, por sua vez, perceberam que tal *verdade* nunca poderia ser atingida,

já que a História é elaborada a partir de um conjunto de indícios históricos que conferem a ela a possibilidade de análise e interpretação. Tais indícios são traduzidos comumente como *documentos históricos*, e em uma perspectiva ampla, pode-se dizer que correspondem a tudo aquilo que o historiador analisa e se vale para dar legitimidade às suas reflexões, trabalhando, analogamente, como um detetive que por meio de diversas *pistas* se aproxima da *solução* do caso e propõe uma nova versão da sua história. Os documentos, assim, permitem que o passado seja reconstruído, e mais do que isso, que assuma diferentes formatos a partir de análises e interpretações, não existindo, portanto, *verdade* histórica incontestável. Quase tudo pode ser um documento ou uma fonte de conhecimento histórico: temos resquícios em forma de ruínas, edifícios, textos em pedra, papiro, papel e tantos outros, objetos materiais (mobiliário, têxteis, cerâmicas etc.), iconografias (pinturas, gravuras, xilogravuras e afins) e objetos imateriais que são aqueles conhecimentos passados por gerações, como o ato de fazer algo.

Além disso, a tendência no modo de se fazer, escrever e pensar sobre a História atualmente é bastante diferenciada, pois, apesar das narrativas acerca dos grandes conquistadores, dos reis, dos heróis e dos personagens mitificados ao longo do tempo ainda serem uma realidade, elas são elaboradas a partir de elementos que envolvem uma forte crítica que hoje somos capazes de reali-

zar. Preocupam-se, portanto, com uma análise histórica capaz de englobar os diferentes aspectos da sociedade relatada, ao desmistificar uma história puramente factual e política, e valorizar os *sujeitos comuns* por muitos excluídos da história considerada oficial.

Toda essa reflexão é indispensável, portanto, quando nos deparamos com figuras históricas que são lembradas, cultuadas, representadas, mitificadas e reinventadas no decorrer da história e tornam-se um mito de longa duração, assim como nosso protagonista: Alexandre, o Grande.

Ele, antes de tudo, pode ser considerado como um bom exemplo de personagem carregado de atributos arquetípicos, pertencentes ao universo mental do homem de qualquer tempo ou espaço geográfico, sendo justamente por causa de tais características que Alexandre foi admirado ao longo das gerações, e seus feitos adaptados, ampliados e recheados de fantasia (CUSTÓDIO, 2006. p. 16). Alexandre, entendido como o maior conquistador de territórios da Antiguidade, deixou de ser um personagem da história do mundo antigo para tornar-se um mito atemporal, ou seja, que atravessou épocas. É normalmente apresentado como um homem poderoso, de energia e entusiasmo admirável, detentor de uma eterna juventude. Seus feitos e sua vida já foram utilizados como enredo para diversas produções, sejam obras literárias, pinturas, músicas, filmes, documentários, ou simplesmente inspirações políticas.

Recriar a sociedade de um personagem do mundo antigo nem sempre é uma tarefa fácil, já que a distância temporal torna-se um empecilho. A maioria dos relatos da vida de Alexandre foram elaborados pelos pensadores de sua própria época ou de uma temporalidade próxima, portanto, influenciados pela vivência dos fatos. Entre alguns desses autores da Antiguidade, estão Quinto Cúrcio Rufo, Plutarco, Clitarco, Xenofonte, Arriano de Nicómedia, entre outros, que por meio de seus relatos ofereceram aos séculos posteriores informações importantes sobre o período de Alexandre, mesmo que de modo parcial, devido às informações que foram por eles priorizadas.

Quinto Cúrcio Rufo, por exemplo, escreveu a obra *História de Alexandre Magno da Macedônia*, composta por dez livros, que objetivavam narrar um pouco da vida e das ações desse jovem rei. Apesar das fontes imprecisas, concluiu-se que essa obra teria sido escrita na segunda metade do século I d.C. Plutarco é outro exemplo de importante autoridade, com seu texto intitulado *Vidas Paralelas*, que se constituiu a partir de uma série de comparações biográficas dentre homens vistos como "ilustres" da Grécia e de Roma, encaixando-se em um famoso gênero textual antigo: o biográfico.

Sendo assim, foi a partir de tais fontes e das produções bibliográficas acerca do período que se tornou possível a construção dessa narrativa histórica, de modo a ressaltar os aspectos da vida do rei macedônio e ao mesmo tem-

po investigar as possíveis razões que contribuíram para que ele se tornasse um mito *atemporal*, reproduzido ao longo dos séculos. A partir de agora, é pelo mundo de Alexandre que vamos navegar.

O que era a Grécia e os gregos naquele período? Quais suas formas de organização social, econômica, cultural e política? De que modo ocorreram os conflitos internos e externos? Como essa configuração contribuiu para que Alexandre chegasse ao poder? Essas são apenas algumas das indagações a serem contempladas neste primeiro momento. *O mundo antigo antes de Alexandre* visa apresentar ao leitor algumas das principais características do período antes da ascensão do jovem rei, de modo a elucidar, sobretudo, a respeito do contexto político e social da época.

Felipe II e o início da expansão macedônia pretende relatar, como o próprio nome sugere, o início da expansão territorial da Macedônia pelo mundo antigo. O capítulo contempla o reinado do pai de Alexandre, Felipe II, junto às principais políticas desenvolvidas por ele, até o momento de sua morte e sucessão. É nesse instante que o futuro jovem rei adentra definitivamente nossa narrativa, pois, *Alexandre, o Grande: Ascensão de um conquistador* e *O Império de Alexandre*, terceiro e quarto capítulo respectivamente, intencionam apresentar parte da vida e das histórias de conquistas de Alexandre. Já no quinto capítulo, *O reinado sem rei* espera-se evidenciar quais eram as configurações do Império da Macedônia

após a morte de Alexandre, junto às possíveis razões que influenciaram sua morte e foram debatidas no decurso dos tempos, bem como as disputas políticas do período e o declínio do Império.

Os últimos capítulos, *Legados: sociedade, poder e cultura* e *Criando um imaginário: representações*, por sua vez, entram em cena para apresentar alguns dos principais legados e das consequências políticas deixadas por Alexandre, e não somente no que concernem ao cunho político e ao militar. Em suma, se pretende, assim, uma breve viagem no mundo das representações, pelas quais nosso protagonista foi reinventado e rememorado no decorrer de diferentes momentos e por meio de diversas produções históricas. Alexandre é como uma lenda ou um mito na longa duração.

II

O mundo antigo antes de Alexandre

Ela [a Grécia] não surgiu como um milagre e sim como herdeira dos avanços e conhecimentos aprendidos e adaptados de outras civilizações. Caracterizou-se por uma unidade cultural básica ao mesmo tempo em que apresentava variações de acordo com as origens do elemento humano que a compunha, as regiões, as paisagens e as influências estrangeiras recebidas.

Pedro Paulo Funari, 2002.

Para compreender a expansão territorial de Alexandre Magno, é de suma importância, antes de tudo, investigar algumas questões sobre o mundo grego e sobre a sociedade que antecedeu à conquista macedônia, bem como determinados fatores que contribuíram para que a invasão e anexação dos territórios por parte de Felipe II e, posteriormente, de Alexandre, fossem possíveis.

Acredita-se que os gregos chegaram ao que hoje denominamos como Europa há mais de 1.000 anos a.C., e no desenvolver dos séculos, tornaram-se referência no campo da política, das artes, da cultura e da filosofia. Não é à toa que são popularmente considerados como o "berço da civilização" ocidental, chegando a influenciar diversos modos de viver ao longo do tempo. Por Europa, vale observar, entendemos uma construção geográfica muito curiosa. Se observarmos no mapa, não há uma delimitação muito específica entre o que é a Europa ou a Ásia, geograficamente, há uma Eurásia. Não há um oceano a separar essas partes, afinal. Talvez

essa ligação cultural com o mundo clássico grego — forjada ao longo dos séculos — ajude a explicar por que um território é chamado Europa e o outro, Ásia. Ou, ainda, porque motivo um deles é considerado Ocidente e o outro, Oriente?

É importante ressaltar que a denominação desse povo como "grego" fora atribuída a eles posteriormente pelos romanos, pois os próprios acreditavam descender do herói Heleno, filho de Deucalião e Pirra[2], considerando-se como "helênicos" e chamando ao seu território de Hélade. É interessante perceber como muitos dos povos antigos tiveram sua cultura ou mesmo sua nomenclatura resolvida de modo exterior, atribuída por outro que pode ter sido um aliado ou um inimigo. Essa é uma daquelas obviedades esquecidas, é claro, pois, afinal, nós nunca nos autonomeamos. A cultura grega também exerceu importantes influências sobre os romanos, que, em certa medida, foram os responsáveis por repassá-la por diversas partes da Europa. Conceitos até hoje fundamentais, como "democracia" e "cidadania" também foram desenvolvidos por essa civilização tão importante.[3]

2. Deucalião e Pirra, ambos fazem parte da mitologia grega.

3. A título de curiosidade, outra importante influência do mundo grego à contemporaneidade são os Jogos Olímpicos. As olimpíadas, como a conhecemos hoje, é herdeira dos jogos realizados na Antiguidade, os quais se realizavam de quatro em quatro anos na cidade de Olímpia, em honra ao deus Zeus. Acredita-se que a primeira edição tenha ocorrido em 776 a.C, onde só poderiam participar os homens gregos, excluindo, portanto, os estrangeiros ou "bárbaros", escravos e mulheres.

Para organizar rapidamente as ideias, cabe perceber que os mais de mil anos de antiguidade grega são comumente divididos na história em cinco períodos. Sendo eles:

- **Pré-Homérico (1900-1100 a.C.):** Período que corresponde à formação do homem grego, junto a penetração de povos indo-europeus no território, como os aqueus (2000-1 200 a.C.), os eólios (1 700 a.C.) e os jônios (1 700 a.C.); Desenvolvimento da civilização Minoica ou Cretence , na Ilha de Creta, e da civilização Micênica na parte continental da região.
- **Homérico (1100-700 a.C.):** Esse é o período faz referência à chegada do poeta Homero, ao qual tradicionalmente se atribuem as epopeias *Ilíada* (que relata a Guerra de Troia) e a *Odisseia* (que relata o regresso de Odisseu, ou Ulisses, herói da Guerra de Troia). É nesse momento que também ocorre o início da ruralização e da comunidade gentílica (aqueles que viviam em genes), no qual plantavam apenas o que fossem consumir e os sujeitos colaboravam entre si na produção e colheita.
- **Arcaico (800-500 a.C.):** Formação da *pólis*, constituição e definição das estruturas internas de cada cidade-estado. Aparecimento do alfabeto fonético, do desenvolvimento da arte e da literatura, além de progresso econômico a partir da expansão da divisão do trabalho, do comércio e da urbanização.
- **Clássico (500-338 a.C.):** Período de ascensão da civilização grega e do intenso desenvolvimento de Atenas

e Esparta, além de outras cidades, como Tebas, Corinto e Siracusa. Nesse momento há a ocorrência de diversos conflitos militares, externos e internos, com as Guerras Médicas e da Guerra do Peloponeso.

- **Helenístico (338-146 a.C.):** Crise das *pólis* e momento da invasão e expansão macedônia. Conquista do Império Persa por Alexandre, o Grande, e difusão da civilização grega com outras culturas, período de intensas transformações no mundo antigo.

Ao refletir sobre esse período, é preciso evitar a confusão de se comparar a Grécia antiga com a Grécia atual, pois esses espaços possuem importantes distinções. A Hélade era formada por um território extenso e que abrangia diferentes localidades, muito maior do que o território grego contemporâneo. Além disso, seu território não era unificado e nem possuía a concepção de "nacionalidade" ou "país", era assim, formado por um conjunto de cidades-estados independentes. Ainda que os estados antigos possuíssem grande vínculo com seus líderes e seu sistema político, é preciso sempre ter em mente que as ideias de "nação" e de "país", como compreendidas hoje, são construções contemporâneas que se desenvolveram, sobretudo, após o século 18. Desde o século 8 a.C., diversas aglomerações independentes surgiram, desenvolvendo seu próprio sistema de governo, suas leis, calendário, moeda e organização social na região.

Essas cidades foram denominadas como *pólis*, palavra utilizada costumeiramente para se referir às cidades-

-estados, sendo seu conceito central para o estudo da história das sociedades gregas. O conceito de *pólis*, no entanto, ainda é bastante discutido entre os historiadores, que buscam chegar a uma definição de consenso para melhor compreender o que foi esse tipo de organização social e política que nos parece tão distante.

Entre alguns dos significados apresentados, está o de "fortaleza", "núcleo urbano", "núcleo urbano mais o campo" e "comunidade de cidadãos", um dos significados preferidos.

O que era, afinal, essa *pólis*? "A pólis é uma multidão de cidadãos", disse Aristóteles no século IV a.C, resposta que atravessou os séculos e serviu de base para o estudo histórico da pólis na Grécia Antiga (SOARES, 2009. p. 185). Essa ideia de pólis como uma multidão de cidadãos passou também a ser questionada na historiografia recente e trouxe consigo importantes reflexões e contradições expressas muitas vezes dentro do conceito, em que sua aplicabilidade atinge um limite.

Para o autor M. Hensen a palavra grega *pólis* é polissêmica, porém, no período clássico ela poderia obter basicamente dois significados, sendo concebida como uma "comunidade social e econômica", que compreendia a presença de cidadãos, estrangeiros e escravos de ambos os sexos e todas as idades, ou então, concebida como "comunidade política", em que a pólis seria formada por cidadãos adultos e homens, por exclusão de mulheres, estrangeiros e escravos (SOARES, 2009. p. 187). Assim, a con-

traposição entre cidadãos e não-cidadãos inseridos no conceito de pólis é importante para pensarmos na sua definição tanto de um ponto de vista político, como também social.

Já o historiador J. Ober propõe uma leitura que reúne os dois significados, da "sociedade como um todo", definida pelo autor como *geopólis* e a de "comunidade dos cidadãos", a *político-pólis*, sendo que essa duplicidade tanto permitiria a possibilidade de pensar a pólis em seu significado social, quanto ampliaria o estudo da política. Ober aponta que as relações existentes entre a *político-pólis* e a *geopólis* e parte do pressuposto de que para que as instituições dentro no interior das cidades-estados funcionem, é preciso que os cidadãos e os não-cidadãos aceitem viver voluntariamente sob tais instituições (SOARES, 2009. p. 188).

Outras perspectivas também foram elaboradas, como aquelas que abrem caminho para uma história do cotidiano, focada nos habitantes e na cidade habitada, ultrapassando, assim, a barreira na *pólis* dos cidadãos, contrapondo ao mesmo tempo a ideia do conceito de "*pólis* dos cidadãos", com a *pólis* "habitada", o que possui diferenças importantes. É relevante pensar que limitar a *pólis* nos estudos históricos apenas como uma "comunidade de cidadãos", sem considerar todos os habitantes das cidades, mesmo aqueles que não tinham direitos políticos, como os escravos e as mulheres, é ao mesmo tempo reproduzir o frágil domínio dos cidadãos sobre os habitantes como um todo (SOARES, 2009. p. 200).

Dessa maneira, os debates em torno do conceito de *pólis* são fundamentais para refletir sobre algumas definições reproduzidas na história ao longo do tempo e que muitas vezes foram naturalizadas sem uma reflexão sobre suas possibilidades de uso. A partir das discussões, portanto, é perceptível que a definição de *pólis* apenas como a "comunidade de cidadãos" pode ser controversa e limitada, já que aqueles considerados como os "não-cidadãos", inseridos apenas como habitantes da *pólis*, também contribuíam para o seu desenvolvimento e dispunham de meios não-institucionais para a prática política.

O conceito de *pólis*, portanto, está longe de se tornar um consenso, já que são diversos os debates estabelecidos em torno dessa questão. Importante, no entanto, é não nos limitarmos apenas a uma definição, mas perceber as defasagens contidas em cada uma delas.

O fato é que a *pólis* é uma das características mais importantes do mundo grego, e entender as diferentes estruturas presentes nelas é fundamental para o estudo da história daquele período tão distante, em busca de compreender questões tanto econômicas como sociais, que contribuíram para sua formação e organização. Além disso, será possível perceber como o enfraquecimento das cidades-estados contribuiu para que a invasão macedônia fosse possível.

A organização dessas cidades, ou *pólis*, visava obter uma autonomia sociopolítica independente, no entan-

to, isso não significa que não comercializavam entre si. Naquele tempo, não havia a noção de economia como conhecemos hoje, porém, os gregos utilizavam o termo *oikonomia*, que apresenta semelhante significância.

Oikonomia significa "gestão do domínio familiar" (chamado de *oikos*), o que também pode significar "gestão, administração, organização" em sentindo mais geral, e ser aplicada em diferentes situações. Na Grécia a economia não era algo delimitado ou isolado, mas estava integrada aos diversos âmbitos da sociedade. (AUSTIN e VIDAL-NAQUET, 1986. p. 22).

Entre as atividades econômicas desenvolvidas pelas cidades-estados, estão a agricultura, o comércio e também o artesanato. Tais atividades, no entanto, eram hierarquizadas em grau de importância, "nesta hierarquia de ocupações, a agricultura ocupará quase sempre um lugar à parte no topo na hierarquia e será fortemente distinguida das outras atividades econômicas. O ideal para quase todo proprietário rural, livre, independente e capaz de bastar a si próprio" (AUSTIN e VIDAL-NAQUET, 1986. p. 25).

O comércio e os trabalhos manuais, por sua vez, eram em sua maioria considerados como indignos de um homem honrado, e encontravam-se frequentemente nas mãos das classes inferiores ou dos estrangeiros (AUSTIN e VIDAL-NAQUET, 1986. p. 25). Cabe ainda ressaltar que neste período o trabalho não possuía um valor intrínseco, ou seja, era apenas visto como uma atividade necessária

para a sobrevivência. Noções do trabalho como algo edificante são muito posteriores e, aquela, era, sem dúvida, uma sociedade que muito se importava com o ócio.

Eram diversas as cidades-estados da Hélade, Atenas e Esparta consolidaram seu lugar na história e se destacaram pelo desenvolvimento no âmbito das artes, da filosofia, militar, social e econômico. Além disso, eram localidades que estavam no centro das principais disputas pelo poder do período e sempre envoltas em diversas batalhas, tornando-se referência.

Apesar das divergências, em termos religiosos a população helênica era de uma mesma concepção, a politeísta, ou seja, acreditavam em diversos deuses, representados em mitos fantásticos e em proximidade com os humanos, por estarem sujeitos às virtudes e aos defeitos. O soberano dos deuses e do Olimpo é Zeus, no entanto, outras figuras também eram bastante reverenciadas, como Poseidon (deus do mar), Afrodite (deusa do amor), Apolo (deus da luz e das artes), Dionísio (deus do vinho), Atena (deusa da sabedoria), entre tantos outros. O culto aos deuses esteve presente ao longo de todo o mundo antigo, até a ascensão do cristianismo nos séculos seguintes. Por muito tempo, inclusive, tais cultos conviveram com a crença em Cristo, como ocorreu, por exemplo, na Roma antiga.

A cidade de Atenas, situada na península da Ática, fora a maior e mais rica cidade da Grécia durante os séculos V e IV a.C, atingindo seu ápice no século V

a.C. com a administração do governante Péricles e do apogeu da democracia como sistema político. Atenas também se envolveu em algumas batalhas importantes, capazes de traduzir o desempenho militar da *pólis* e o alcance de seu poder no período. Algumas das principais disputas foram contra o Império Persa[4], também denominado naquela época como Império Aquemênida. Tais confrontos receberam o nome de "Guerras Médicas" ou "Greco-Persas", ocorridas ao longo do século V a.C. Dentre as batalhas, três delas ficaram bastante conhecidas, como a de Maratona[5], em 490 a.C., quando os persas atacaram a região e foram derrotados pelos atenienses, que demonstraram suas habilidades durante o combate. A batalha naval de Salamina[6], em 480 a.C., onde os persas foram novamente derrotados pelos atenienses e a batalha de Plateia[7], em 479 a.C, em que as forças de Atenas e Esparta, coligadas naquele momento, foram vitoriosas mais uma vez.

4. No seu auge, o Império Persa se estendia nos países que conhecemos hoje como Irã, Iraque, Líbano, Líbia, Afeganistão, Jordânia, Israel, Egito, Turquia, Kuwait, Palestina, Geórgia, Chipre, Cazaquistão, Turcomenistão, Azerbaijão e Paquistão. O primeiro Império Persa por vezes é referenciado como Império Aquemênida, um império iraniano situado no sudoeste da Ásia, e fundado no século VI a.C. por Ciro, o Grande. Expandiu-se imensamente, a ponto de chegar a dominar partes importantes do mundo antigo. Por volta do ano 500 a.C., estendeu-se do vale do Indo, no leste, à Trácia e Macedônia, na fronteira nordeste da Grécia - o que fazia dele o maior império a ter existido até então.

5. Região localizada em uma planície a leste de Atenas.

6. Recebeu esse nome por ter ocorrido na região de Salamina, uma ilha situada ao sul de Pireu, antigo porto de Atenas.

7. Recebeu esse nome por ter sido travada na planície de Plateias, região arenosa da Beócia.

A cidade de Esparta, localizada na península do Peloponeso, se destacou no período por sua habilidade militar e terrestre, além da formação de guerreiros. Diferentemente de Atenas, seu sistema político era a oligarquia e sua sociedade dividida em esferas sociais bem delimitadas. A divisão ocorria entre os esparciatas (a classe dominante e poderosa da *pólis*), os periecos (indivíduos livres, porém sem direitos políticos, que exerciam a função de artesãos e comerciantes) e por último os hilotas (a maior parte da população e também a mais pobre, eram escravos da cidade-estado e cultivavam as terras dos esparciatas).

Após tais conflitos externos, em 477 a.C., Atenas organizou uma liga de cidades-estados sob sua liderança, visando proteger as *pólis* de possíveis invasões persas, chamada de Liga de Delos[8]. A Liga tinha por objetivo contribuir para o fortalecimento da região, pois, acreditava-se que, justamente pela a coesão interna entre as cidades, as invasões externas seriam dificultadas. As disputas existentes, sobretudo de ordem política e econômica entre Atenas e Esparta e as cidades aliadas, desencadearam em momento posterior ao evento histórico conhecido como Guerra do Peloponeso, que perdurou de 431 a.C. até 404 a.C., e foi causador de grande destruição, conflitos populacionais e consequentemente, do enfraquecimento das *pólis*.

8. Delos era uma pequena ilha situada no centro de ilhas do Mar Egeu. Foi a sede escolhida para a organização da chamada Liga de Delos.

No decurso naquele longo conflito, a cidade de Esparta foi aquela que saiu vitoriosa e juntou forças para que o sistema político oligárquico fosse aplicado por toda a Hélade. Atenas, por sua vez, ficou enfraquecida já que a guerra causou intensa destruição, seus camponeses foram fortemente afetados e, por consequência, populações inteiras se viram obrigadas a abandonar suas terras e se refugiar na área urbana. Como afirma o arqueólogo brasileiro Pedro Paulo Funari, "a guerra do Peloponeso foi a primeira grande guerra do período, do mundo ocidental", além de se tratar do "primeiro conflito entre duas alianças políticas de características diferentes: de um lado, uma democracia dinâmica e comercial, de outro, uma potência militar terrestre e oligárquica", as mesmas "ainda que tivessem por coadjuvantes seus aliados, mantiveram-se, durante mais de dois mil anos, como modelos a se imitar ou evitar" (FUNARI, 2011. p. 1).

Além disso, o declínio de Atenas e a ascensão de Esparta — localidade que substituiu o projeto baseado na Liga de Delos para um de cunho militarista —, causaram alguns desgastes no mundo helênico, já que muitas cidades ruíram economicamente, devido também aos gastos exorbitantes durante a guerra e das disputas internas dentro da própria *pólis*, que se intensificaram. O fato é que todos esses conflitos causaram uma segregação ainda maior entre suas cidades-estados, enfraquecendo a coligação entre elas e, consequentemente, tornando-as mais vulneráveis às possíveis invasões externas. É nesse

momento, portanto, que Felipe II — rei da Macedônia e pai de Alexandre — dará início à sua expansão territorial, percebendo o campo fértil para suas conquistas dado o enfraquecimento econômico, político e militar das cidades gregas.

III

Felipe II e o início da expansão macedônia

E Felipe, tendo conquistado a Grécia pela força das armas, não tivera tempo bastante para bem dominá-la e acostumá-la inteiramente ao jugo, mas, tendo apenas removido um pouco os governos, deixara as coisas em grande perturbação e em grande abalo, pois de longa data perdera o hábito de servir [...]

Plutarco, Vidas Paralelas, XVIII.

O cenário apresentado agora é a Macedônia, território em que Felipe II, pai de Alexandre Magno, consolidou seu reinado e partiu à conquista de outras localidades. A Macedônia era a região situada ao norte da Grécia, composta por uma grande dimensão e integrada por vales fluviais. A mesma era dividida entre duas partes, a "Alta Macedônia", núcleo primitivo e que se articulava em planícies elevadas e em meio a montanhas e a "Baixa Macedônia", formada por planícies aluviais e pelos rios que desembocam ao norte do mar Egeu. (MELERO, 1997, p. 07). O clima era de intensas oscilações na temperatura entre o inverno e o verão, com sensação amena apenas nas zonas próximas à costa da região. Ali, portanto, não era viável todo tipo de produção agrícola, mas havia em abundância muitas frutas, o cultivo de videiras e trigo, além do desenvolvimento da criação animal por conta dos grandes pastos.

O fato de o território da Macedônia estar entre o cruzamento de rotas euro-asiáticas motivou a presença de

grupos humanos diversos naquela localidade, dos quais só alguns falavam o que pode ser denominado de dialeto grego, mas que, ao mesmo tempo, se distinguiam do restante da Hélade. Como nos diz a historiadora espanhola Raquel Melero "no que diz respeito à população macedônia em geral, o fator linguístico, junto ao seu baixo nível cultural, levou os gregos a considerarem como estranhos ao seu universo" e ainda "as orgias grosseiras, as danças obscenas e os excessos provocados pela bebida fizeram os nobre macedônios como bárbaros aos olhos dos gregos" (MELERO, 1997. p. 8). Já que os gregos, ao se reconhecerem como "helenos", chamavam de bárbaros todos os estrangeiros que não falavam seu dialeto e nem possuíam seus costumes, portanto pertencentes à outra esfera cultural que não a grega.

Relata-se que, desde o começo do primeiro milênio, foi se consolidando na Macedônia um estrato social dominante que adquiriu o controle das melhores terras e com o tempo alcançou coesão política, dando lugar a uma dinastia reinante cada vez mais poderosa. A fundação de colônias gregas na área de Calcídica[9], com contato cultural e comercial, é possivelmente um fator que contribuiu para introduzir a aristocracia macedônia ao mundo grego, colaborando para que a política de Felipe II e posteriormente, de Alexandre Magno, fossem possíveis. (MELERO, 1997. p. 8-9).

9. Trata-se de uma península situada no sudeste da região da Macedônia Central.

O pai de Alexandre era o mais novo dos filhos do rei Amintas II, e só se tornou rei após a morte de seus irmãos mais velhos. É afirmado por alguns historiadores que Felipe esteve na cidade de Tebas[10], uma das cidades-estados gregas, dos 15 aos 18 anos como refém, convivendo com generais tebanos que contribuíram para sua formação como estrategista. Quando retornou à Macedônia após esse período, seu irmão, Perdicas lhe confiou o governo de uma das regiões, onde iniciou tarefas administrativas e implantou importantes reformas, dando início, de certa forma, à sua vida em meio ao cenário político (MELERO, 1997. p. 11). Felipe II, ao se tornar o rei da Macedônia, recebeu um reino debilitado que necessitava ser remodelado, assim, realizou reformas administrativas e melhorias econômicas, além de promover uma modernização do exército e uma maior aproximação da cultura grega.

Quanto às suas qualidades, é sabido que tinha como virtude a habilidade política e a clarividência sobre as reações de seus inimigos e também era conhecido por uma personalidade controlada. Felipe II estendeu seu reino às diversas regiões da Hélade e, em meio a tais conquistas territoriais, conheceu a mãe de Alexandre, Olímpia, aumentando ainda mais sua influência ao reino do Épiro — região que hoje corresponde a uma das 13 periferias gregas, mas que na época correspondia a

10. Tebas foi uma das mais desenvolvidas cidades gregas, localizada ao norte de Atenas.

partes da Grécia e da Albânia — ao desposar a filha do rei (MELERO, 1997. p. 11). Antes de inaugurar sua política de expansão, Felipe empreendeu uma reorganização radical no exército, aproveitando as dificuldades naturais e a forma física do camponês macedônio. Para a infantaria e a cavalaria, criou uma nova formação tática que fora denominada na história como "falange macedônia", que provavelmente correspondia a um modelo de batalha aprendido com os generais tebanos e adaptado ao contexto aqui relatado.

Segundo consta, Felipe converteu sua cavalaria em força tática, concebendo um conjunto de tropas como um conjunto tático, em que o movimento de cada grupo e de cada homem estabelecia uma relação com os demais (MELERO, 1997. p. 13). O exército também se mantinha em treinamento constante, sendo que os soldados admiravam Felipe por ser um líder que compartilhava junto deles o cansaço e também os perigos em meio às batalhas. De tal modo, o exército macedônio se tornou uma importante força militar que, aliado à diplomacia de Felipe e à corrupção do período, permitiu o domínio de diversas cidades-estados da Grécia. Naquelas cidades, por sua vez, foram formados diferentes grupos, compostos tanto por aqueles favoráveis ao macedônio como outros que eram contrários à sua política expansionista.

As atuações de Felipe nas batalhas de expansão anteriores criaram perante parcela dos gregos um sentimento de animosidade, e até mesmo causava desconfiança no que diz respeito a sua intenção de selar a paz com os atenienses, esses que sempre desconfiaram da real intenção do rei. O governante macedônio iniciou sua ampliação territorial, em meio a propostas de paz à Atenas e Tebas que foram rejeitadas (MELERO, 1997. p. 8). Assim, seu exército continuou a avançar, sendo a batalha de Queroneia em 338 a.C., ponto crucial dentre sua expansão e decisivo para o futuro da Grécia antiga, já que é o momento em que Felipe II se confronta com Atenas e Tebas e inicia, de fato, seu domínio sobre a Grécia continental, mudando, a partir daí, o rumo da história grega.

Queroneia era uma pequena região situada ao norte da Ática e próxima de Atenas, onde em dois de agosto de 338 a.C., a distinta "falange macedônia" derrotou a confederação de cidades-estados que resistiam ao seu domínio, liderada por Atenas e Tebas. Tendo em vista os relatos contidos em diversas produções históricas, é possível inferir que o rei Felipe II, em poucas horas, combateu o exército tebano-ateniense com relativa facilidade.

Na sessão *Vida & Obra*[11] do pensador grego Plutarco, foi afirmado que "no entrechoque que durou apenas meio-dia, destacou-se o príncipe Alexandre, um rapaz de apenas dezoito anos, responsável pela carga que massacrou o célebre Batalhão Sagrado de Tebas (formado

11. Sobre Plutarco. Ver: http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&Secao ID=948848 &SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=929164. Acesso em: 15 de julho de 2015.

por uns trezentos tebanos, a tropa de elite da cidade)", ressaltando ainda que, "Felipe II, encerrada a matança, ao deparar-se com os cadáveres dos bravos tebanos, não pôde evitar as lágrimas diante da coragem deles". A partir de sua vitória, Felipe colocou fim à confederação de cidades-estados que resistiam a seu domínio e prometeu aos vencidos respeitar suas liberdades civis, desde que eles o apoiassem em sua futura campanha, que consistia na invasão e conquista do Império Persa.

Para tornar seus objetivos possíveis, Felipe criou a Liga de Corinto[12], que tinha como intuito manter a paz entre as cidades gregas que estavam sob o seu domínio e também fortalecer as forças militares para a invasão do território persa, que neste momento era comandado pelo rei Dario. Assim, ela proibia os conflitos de constituição, das guerras entre membros e qualquer ataque contra a realeza de Felipe e seus sucessores, tentando inserir uma estabilidade entre cidades antes desconhecidas. O funcionamento exato da Liga e quais as cidades-estados que a aderiram não são conhecidas exatamente. Sabe-se, no entanto, que seu principal órgão de controle era o "Conselho Comum", formado por delegados que representavam cada uma das *pólis*. A Macedônia, por sua vez, na qualidade de cidade não fazia parte da liga (BRIANT, 2010. p. 13). Essa criação política, na realidade também implicava no fim da *pólis* como um organismo

12. Corinto era uma cidade grega, situada na Coríntia, na periferia da região do Peloponeso.

político autônomo e soberano, o que de certa forma já nos indica sobre o início das mudanças que o território grego passaria a ser exposto. (MELERO, 1997. p. 19).

Felipe, no entanto, não teve tempo para cumprir seus objetivos. No ano de 336 a.C, acontecia na cidade de Aigai (uma importante localidade, que na época era capital da Macedônia) o casamento de Cleópatra, filha sua e de Olímpia, com o príncipe da família dos molossos[13], de nome Alexandre. Naquela oportunidade, um nobre macedônio, Pausânias[14] apunhalou Felipe em pleno teatro. Foram diversas as discussões ao longo dos tempos, tanto antigo como contemporâneo, para deduzir se Pausânias teria agido sozinho, se fora instigado por Olímpia, pela Corte ou até mesmo por Alexandre (BRIANT, 2010. p. 4), no entanto, tais especulações não puderam ser comprovadas.

Felipe foi então sucedido por seu filho Alexandre, que, tão logo foi instalado no poder, proclamou sua vontade de continuar a obra do pai. É relatado que a morte de Felipe e a juventude do novo rei "fizeram nascer grandes esperanças entre a nobreza macedônia, os bárbaros dos degraus do reino, nas cidades gregas e até na corte aquemênida" (BRIANT, 2010. p. 4). Apesar de Fe-

13. Habitante da Molóssia, região do Epiro, na Grécia antiga.

14. Não há muitas informações acerca da figura de Pausânias, no entanto, há rumores dentro das pesquisas históricas sobre o fato de que possivelmente a morte de Felipe II se deu por conta de um desentendimento pessoal entre os dois. Inclusive, suspeita-se da relação afetiva entre eles e da possível vingança de Pausânias. O fato é que são apenas rumores que não puderam ser comprovados.

lipe não ter concluído seus planos políticos e militares, é válido ressaltar que seu intuito de invasão ao território persa não ficou apenas na dimensão de sonho. Felipe não somente criou um pretexto para a guerra, mas foi sob seu reinado que ela teve início. Em 336 a.C., o pai de Alexandre teria enviado para a Ásia uma tropa de cerca de dez mil homens, cujo comando fora confiado a Parmênio[15] e Atala, que, apesar das inúmeras investidas da tropa persa, comandada por Memnon em 335 a.C., conseguiram manter um desembarque ideal para um exército (BRIANT, 2010. p. 13). Foi, sem dúvida, a partir desse momento que o mundo antigo ganhou uma nova configuração.

15. General macedônio que acompanhou as campanhas de Felipe II e também de Alexandre, o Grande, durante suas conquistas. Conta-se que o mesmo teria sido assassinado posteriormente em territórios persas pelo próprio Alexandre, por possíveis motivos que variam de motim e traição, a abandono à causa.

IV

Alexandre, o Grande: Ascensão de um conquistador

E, pouco depois de haver Felipe tomado a cidade de Potideia, recebeu ele ao mesmo tempo três grandes notícias: uma, que Parmênion derrotara os Esclavônios numa grande batalha; outra, que ele ganhara o prêmio de corrida singular de cavalos nos jogos Olímpicos; e a terceira, que sua mulher lhe dera um filho, que era Alexandre; e, tendo ficado muito contente com esta última notícia, os adivinhos aumentaram-lhe ainda mais a alegria, prometendo que esse filho assim nascido, com três vitórias anunciadas ao mesmo tempo, seria no futuro invencível.

Plutarco, *Vidas Paralelas*, V.

Conta-se que, certa vez, após o casamento, o rei Felipe II teria tido um sonho no qual marcava com um sinete em forma de leão o ventre de sua esposa. Para as interpretações e adivinhações do período, essa imagem era a representação de que ele teria um filho tão corajoso quanto um leão. Assim, no ano de 356 a.C., ao sexto dia do mês que hoje é representado por julho/agosto, em Pela[16], capital da Macedônia, nascia seu filho, Alexandre. Um menino que, desde a infância, já dava sinais de sua coragem e astúcia, que crescera ouvindo histórias de heroísmo e aventura por ser filho de um grande soldado.

Desde muito cedo, o menino fora associado ao poder e às responsabilidades de seu pai, em 340 a.C. ao partir para uma expedição contra Bizâncio[17], Felipe confiou a

16. A capital Pela situava-se na planície central da região geográfica da Macedônia, entre o rio Loudias e o Axios, sobre uma colina que dava, na Antiguidade, para um lago pantanoso. Foi povoada inicialmente por gregos e bárbaros.

17. Bizâncio foi uma cidade da Grécia antiga, que foi chamada dessa forma por ter recebido o nome de seu rei, Bizas ou Bizante. Nos séculos posteriores, a cidade veio a se tornar o centro do Império Bizantino.

Alexandre, então com a idade de dezesseis anos, a direção do reino, tomando o cuidado de cercá-lo de conselheiros experientes (BRIANT, 2010. p. 3). Assim, o jovem príncipe teve também oportunidade de conduzir, sozinho, uma campanha contra os temíveis trácios, e de fundar uma colônia militar denominada Alexandrópolis.

Durante a famosa batalha de Queroneia (338 a.C.), que colocou em lados opostos os macedônios e os gregos, tão Jovem com apenas 18 anos, Alexandre comandou uma ala do exército macedônio na batalha e saíra vitorioso (FARIA, 2012. p. 1). Depois da vitória, ele teria sido enviado a Atenas para levar as cinzas dos atenienses mortos no campo de batalha, simbolizando a vitória (BRIANT, 2010. p. 3).

Há quem diga que sua presença era marcante e irradiava energia, que, apesar da sua pequena estatura, seu porte físico se destacava em meio aos demais. Pelas suas representações e bustos ao longo dos séculos, é possível imaginar um homem de pele clara, cabelos loiros e encaracolados, com olhos curiosamente inocentes (FARIA, 2012. p. 2). Segundo o pensador da Antiguidade, Plutarco, que teve seus relatos transformados em uma das principais fontes históricas para o estudo acerca da vida e das conquistas de Alexandre, o príncipe era descendente de Hércules, por parte de pai, e dos Eácidas[18], pelo lado materno. Hércules na mitologia grega é reconhecido

18. Na Grécia antiga, Eácidas é o nome designado aos filhos ou descendentes de Aeacus, filho de Zeus e rei de Egina, de acordo com a mitologia grega.

como filho do deus Zeus e da mortal Alcmena, além de ser representado ao longo do tempo a partir da simbologia dos "12 trabalhos de Hércules", que já tivera diferentes interpretações contemporâneas, tornando-se até mesmo desenhos e filmes.

A relação de Alexandre com sua mãe Olímpia foi imensamente citada ao longo da história, inclusive pelo sentimento de posse que a rainha tinha sobre seu filho. É relatado que a mesma teria sido uma fiel seguidora mística do deus grego Dionísio, isto é, aquele que representava os ciclos vitais, as festas e o vinho. Segundo Plutarco, Olímpia era arrogante, ciumenta e vingativa, inclusive causava intrigas entre Felipe e Alexandre. Além disso, teria sido rejeitada pelo marido após o casamento dele com uma jovem princesa macedônia, de nome Cleópatra. Após esse episódio, em 337 a.C., conta-se que a boa relação entre Felipe e Alexandre se rompeu, já que o mesmo exilou-se com a mãe no Épiro. A reconciliação entre eles, no entanto, ocorreu rapidamente (BRIANT, 2010. p. 3).

Alexandre III, Alexandre Magno ou ainda, Alexandre, o Grande, foi criado em meio a essa situação e sendo seu pai um grande admirador da cultura grega, em especial ateniense, foi atrás de um preceptor, o qual ele julgava o mais competente para acompanhar e orientar o desenvolvimento de seu filho. O escolhido foi o impor-

tante e renomado filósofo grego, Aristóteles[19]. Algumas gravuras, inclusive, retrataram a relação entre Alexandre e seu preceptor, na sua maioria são representadas em um ambiente voltado ao processo de aprendizagem, com Alexandre, ainda menino, dirigindo sua atenção ao filósofo grego e este, por sua vez, inspirando um ar de sabedoria. Uma das gravuras mais conhecidas é do francês Charles Laplante, intitulada "Educação de Alexandre por Aristóteles" e produzida no século 19.

Seu primeiro preceptor, no entanto, teria sido um parente de Olímpia, chamado Leônidas, que tinha sob sua direção uma corte de preceptores. O mesmo possuía métodos brutais que não obtiveram o sucesso esperado, fazendo com que Felipe recorresse a Aristóteles, que se tornou o preceptor de Alexandre e de outros colegas da sua idade durante três anos (343-340 a.C.), em Mieza, uma antiga vila macedônia, na qual, foi possível encontrar indícios do colégio de Aristóteles por meio de escavações arqueológicas. Como nos diz o historiador Pierre Briant, é arriscado determinar a influência que Aristóteles teve sobre Alexandre, lembrando que "é preciso não esquecer que a corte macedônia já era aberta aos artistas gregos há várias gerações" e "Alexandre tinha verdadeira paixão pelos grandes monumentos da literatura grega, especialmente pela *Ilíada*" (BRIANT, 2010. p. 3).

19. Aristóteles nasceu na cidade de Estagira em 384 a.C. e morreu em Atenas em 322 a.C. Foi um renomado filósofo grego, aluno de Platão e como já dito, preceptor de Alexandre, o Grande. Juntamente com Platão e Sócrates, ele é visto como um dos fundadores da filosofia ocidental. Seus escritos perpassaram os séculos e abrangeram diversos assuntos, tais como a física, a matemática, a poesia, a lógica, a retórica, o governo, a ética, entre outras.

Sobre a personalidade de Alexandre, afirma-se que ele era "cheio de virtudes, possuidor de uma personalidade desenfreada e uma violência apaixonada, herdadas de sua mãe Olímpia" (MELERO, 1996. p. 20). No entanto, "muito foi escrito sobre a herança psicológica de Alexandre, mas quem pode dizer o que no seu temperamento ele deve aos pais?" (BRIANT, 2010. p. 3). Refletir sobre questões desse gênero, que envolvem atributos psicológicos de alguém, é sempre muito perigoso. Além disso, inúmeros detalhes da vida de Alexandre carecem de fontes históricas, até mesmo pela distância temporal em relação àquele período.

Outro fator que talvez tenha contribuído para haver poucas informações pessoais é o fato de que naquele momento os escritores gregos dispostos a relatar os fatos históricos, estavam preocupados quase que exclusivamente com os aspectos políticos e militares do período, bem como com as descrições das batalhas e a exaltação dos "grandes feitos". Dessa forma, foram as conquistas de Alexandre que receberam uma atenção especial, conferindo a ele o título de maior conquistador da Antiguidade, junto às consequências e influências que suas vitórias desencadearam no período, como veremos ao longo dos capítulos.

Pode-se dizer que a vida militar de Alexandre se iniciou de fato aos 20 anos de idade, quando seu pai morreu e ele assumiu rapidamente o trono macedônio, apesar da sucessão naquele período não ser considera-

da como hereditária, mesmo que o sistema político da Macedônia fosse uma monarquia. Partindo desse ponto de vista, portanto, Alexandre não teria sua ascensão facilitada, já que havia outros nobres interessados no poder que podiam assumir o seu lugar. Desse modo, foram necessários cuidados e ações urgentes para que ele fosse o novo rei (LEME, 2008. p. 15).

Tal problematização acerca da linha sucessória é algo levantado muito mais pelos historiadores contemporâneos do que pelos escritores da Antiguidade. Na obra *Anábase de Alexandre Magno* de Arriano de Nicomédia, escrita no século II d.C., uma das mais importantes fontes para o estudo acerca da conquista de Alexandre Magno, tal entrave sobre sua ascensão ao poder não é nem ao menos citada. Uma explicação possível é que, pelo fato de *Anábase* privilegiar os aspectos políticos e militares da vida de Alexandre e a sua notável liderança, a apresentação dos conflitos em torno da sucessão do trono podia levantar dúvidas quanto à legitimidade e institucionalidade da sua ascensão, o que não era bom para a imagem que passou a ser reforçada, em torno daquele que seria considerado um grande líder (LEME, 2008. p. 16).

O fato é que Alexandre tornou-se o novo rei da Macedônia e estava disposto a continuar os objetivos militares do seu pai, entre eles, a invasão do Império Persa. Segundo Pierre Briant, Alexandre começou seu reinado com um expurgo sangrento no interior da nobreza macedônia, primeiramente com o assassino de seu pai,

Pausânias, que fora executado; diversos pretendentes ao trono, verdadeiros ou supostos, foram eliminados. Alexandre também se dirigiu à Grécia e intimidou seus opositores, principalmente de Atenas. Lá mesmo, renovou o acordo realizado em Corinto, em 338 a.C., onde fora concedido a ele o título de estratego[20] da guerra contra a Pérsia. A morte de Felipe, portanto, só atrasara em poucos meses a partida da grande expedição asiática (BRIANT, 2010. p. 4). Era apenas o início de uma larga conquista, que durou ao todo treze anos, se estendeu por territórios longínquos e deixou legados culturais e sociais para aquela sociedade. É fato, no entanto, que as fontes disponíveis sobre o período priorizaram os relatos políticos acerca de Alexandre, portanto, sua vida pessoal e afetiva é pouco contada.

Sabe-se que no decorrer de sua expansão, aos 28 anos, o jovem rei casou-se com a princesa iraniana Roxana[21], tanto os historiadores da Antiguidade como os modernos descrevem o casamento dos dois. Conta-se que Roxana possuía a fama entre os seus contemporâneos como sendo a mulher mais bela de toda a Ásia. O casamento com uma família nobre local era muito sensato politicamente, por contribuir com sua expansão territorial, no entanto, alguns comentadores da época indicam que Alexandre também se teria deixado levar por seu

20. Em diversas cidades gregas, *estratega* refere-se ao magistrado encarregado das questões militares.

21. Acredita-se que seu nome em persa significa "estrela luminosa", ela era filha de Oxiartes (irmão de Dario) e importantes nomes da nobreza persa.

interesse pessoal. O banquete de casamento teria sido organizado no alto de um dos rochedos Sogdian[22], onde Alexandre e a sua noiva partilharam um pão, assim o jovem rei, caracteristicamente, teria cortado com a sua espada, um costume ainda hoje existente no Turquestão (FOX, 1980. p. 298). Roxana acompanhou Alexandre durante suas campanhas, e deu-lhe um filho que também foi chamado de Alexandre (Alexandre IV), que nasceu seis meses após a morte do pai.

A ideia de monogamia, no entanto, só se desenvolveu nos séculos posteriores com o surgimento do cristianismo/judaísmo, pois, na sociedade aqui relatada era comum que os homens se casassem mais de uma vez. Dessa maneira, Alexandre teve um total de três esposas: Roxana, Estatira[23] e Parysatis II[24] (todas de origem persa), além de diversos amantes e famosos casos extraconjugais.

A sexualidade e o amor no mundo antigo se diferem bastante da concepção hoje enraizada na sociedade contemporânea. Justamente pelo olhar judaico-cristão predominante nos séculos posteriores é que muitos estudiosos do mundo antigo ao olharem para os costumes da Hélade a caracterizaram como um lugar de orgias e

22. Sogdiana era uma província do Império Persa. Em 327 a.C., a fortaleza denominada "Rocha Sogdiana" foi capturada por Alexandre, o Grande, que então uniu essa região com a Báctria, em uma só satrapia.

23. Estatira era a filha mais velha do rei persa Dario, portanto, a princesa do reino. Foi a segunda esposa de Alexandre, o Grande, que era adversário de seu pai.

24. Parysatis era a filha caçula do rei persa Artaxerxes III, que antecedeu Dario. Algumas das fontes que retratam o período indicam que Roxana, possivelmente, teria sido a mandante da morte de Parysatis em 323 a.C., com o intuito de que ela não tomasse seu lugar e nem de seu filho, Alexandre IV.

sodomia; porém, é necessário que nos atentemos para as peculiaridades culturais daquele povo e daquela sociedade. Muitas vezes, em decorrência dessa visão simplificada, o mundo antigo fora designado como uma civilização de homossexuais, o que por si só já é uma concepção anacrônica. A homossexualidade como conceito só passou a existir no mundo moderno, tendo no mundo antigo algumas outras funções, como veremos a seguir.

A questão da homossexualidade no próprio mundo grego era vista de maneiras diferentes. Em Esparta, por exemplo, uma sociedade predominantemente guerreira, os casais de amantes homens eram incentivados como parte do treinamento da disciplina militar, pois, acreditava-se que tal prática daria coesão às tropas (CORINO, 2006. p. 20). Na cidade de Tebas, colônia espartana, existia o Pelotão Sagrado de Tebas, uma tropa composta unicamente por casais homossexuais, pois lutavam com ferocidade para que nada acontecesse aos seus parceiros no campo de batalha (CORINO, 2006. p. 20). Já em Atenas, a relação homossexual se dava no relacionamento amoroso de um homem mais velho, denominado *erastes* (amante) e por um jovem, chamado de *eromenos* (amado), que deveria ter mais de 12 anos e menos de 18. Essa relação era conhecida como *paiderastia* (amor a meninos), e tinha, naquela época, uma finalidade pedagógica, a de transmissão do conhecimento do *erastes* ao *eromenos*, sendo considerado um paradigma da educação masculina (CORINO, 2006. p. 22).

Além disso, o papel da mulher na sociedade ateniense era infelizmente vinculado apenas à função cívica de reprodução (CORINO, 2006. p. 23). As mulheres eram encaradas como intelectual, física e emocionalmente inferiores, onde os homens tendiam a se reunir em grupos para que fossem formados pares. Como afirmou Plutarco "não é amor o que vocês sentem pelas mulheres ou pelas moças. Seria tão absurdo como chamar de amor o que as moscas sentem pelo leite, as abelhas pelo mel e os cozinheiros pelas carnes e iguarias que preparam" (PLUTARCO, *Sobre o Amor*, 750 a. C. *apud* CORINO, 2006. p. 20).

Este breve panorama é fundamental, portanto, para compreender a sociedade em que Alexandre esteve intrinsecamente inserido, já que, ao longo de sua vida, foram relatados alguns de seus relacionamentos com amantes do gênero masculino. As fontes nos oferecem algumas pistas sobre eles e sobre o comportamento do jovem rei em relação a tais amores. Conta-se, por exemplo, que Alexandre foi admirado na sua época pela forma humana como tratava seus amantes. Segundo Plutarco, as relações de Alexandre com os seus parceiros foram sempre guiadas pela ética, tal como aprendera com o seu mentor, Aristóteles.

V

O Império de Alexandre

Era difícil dissuadir Alexandre de qualquer coisa que tivesse vontade de fazer, porque a fortuna, sendo-lhe favorável em todas as empresas, tornava-o íntegro e firme em suas opiniões, e a grandeza de sua coragem fazia que se obstinasse invencivelmente em todas as coisas, desde que as tivesse empreendido, ao ponto de querer forçar não só os inimigos, mas também o tempo e os lugares.

Plutarco, *Vidas Paralelas*, L.I.

Alexandre iniciou sua jornada em busca de novos territórios em 334 a.C. para não mais voltar. Durante dois anos de guerra, enfrentou duas vezes os persas em batalha campal, primeiro às margens de Granito (maio de 334 a.C.), e em Isso, na Cilícia, em novembro de 333 a.C (BRIANT, 2010. p. 5). Relata-se que ele levava consigo aproximadamente 35 mil homens, e o reino do Império Persa, que se propusera a atacar, era no mínimo cinquenta vezes maior que o seu e vinte vezes mais populoso, já que sua extensão abrangia desde o Helesponto[25] até a Índia e desde o mar de Aral até as Cataratas do Nilo. A população concentrada naquelas regiões era bastante diversificada, tanto em relação à língua quanto às raças, ao passo que também se assentavam em territórios diversos, de grandes oscilações térmicas, com verões intensos e invernos castigantes (MELERO, 1997. p. 21).

25. Helesponto é o antigo nome do estreito de Dardanelos, que liga o mar Egeu ao mar de Mármara.

Muitas vezes foi relatada na História a superioridade do exército de Alexandre, já que mesmo estando os persas em uma quantidade maior, a coesão das tropas macedônias era de uma habilidade impressionante, capaz de dificultar as táticas rivais. É relatado por alguns autores que a geografia, não os homens e nem as armas, era o verdadeiro inimigo dos invasores, o que fazia com que os persas os esperassem "tranquilamente", no palácio em Babilônia[26] (MELERO, 1997. p. 21). No entanto, essa opinião não é consenso entre os historiadores, sendo afirmado, em contrapartida, que apesar das duas vitórias da Macedônia, nenhuma delas teriam sido decisivas, já que os persas por duas vezes conseguiram lançar contracheques perigosos (BRIANT, 2010. p. 5).

Os persas possuíam superioridade naval, o que era um problema para as intenções de Alexandre. Assim, como estratégia, ele decidiu se apoderar de toda a costa do Mediterrâneo, produzindo um bloqueio terrestre das embarcações inimigas, o que evitava uma batalha naval e praticamente qualquer movimento importante da frota, demonstrando como a rapidez e audácia do jovem rei passou a prestar melhores estratégias, em comparação ao inimigo persa que acreditava na sua própria vitória (MELERO, 199. p. 22). Os persas contavam com um bom general de origem grega, chamado Memnón. Tal

26. A cidade da Babilônia era situada na região da Mesopotâmia. No âmbito da curiosidade, a etimologia da palavra deriva do grego *Babylon*, que significa "Porta de Deus", na Bíblia, por exemplo, a região é chamada de Babel.

comandante aconselhou as tropas a recuarem naquele momento à espera dos inimigos, para que, quando adentrassem o território, fossem prejudicados com as regiões previamente devastadas. As tropas persas, no entanto, não aceitaram o plano e preferiram o confronto direto, o que não teria sido uma atitude acertada, já que foram derrotados pelas forças militares da Macedônia (MELERO,1997. p. 22).

Alexandre tinha agora a sua mercê todo o ocidente da Ásia Menor[27], pelo menos o que correspondia às zonas colonizadas. Essas cidades, por sua vez, desejavam livrar-se dos tributos que pagavam aos persas e recuperar suas leis e autonomia. Alexandre, assim, utilizou-se dessa situação para transmitir a esses povos suficiente confiança, fazendo com que eles não debilitassem sua moral e nem colaborassem com os persas por medo e insegurança, tornando-se, assim, cada vez mais forte e seguro em seu objetivo de dominação. Em meio àquele primeiro confronto, os persas perderam o general Memnón, o que fora um prejuízo irreparável, dada a qualidade militar de tal homem. O rei Dario, portanto, acumulou um extenso exército e se preparou para um novo confronto contra Alexandre.

Assim, ao chegar a primavera, os dois exércitos se encontraram em uma altura próxima a Isso, um porto situado no extremo sudeste da Ásia Menor. Esse mesmo

27. Ásia Menor é uma região em que os continentes da Ásia e da Europa ficam próximos um do outro, separados apenas por uma faixa estreita de mar.

encontro foi imortalizado por um conhecido mosaico datado por volta de 150 a.C. e pertencente ao Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, em que Alexandre é representado em combate, junto ao seu cavalo de nome Bucéfalo. Desde o princípio, fora um desastre para os persas, que viram seus efetivos se autodestruírem durante uma debandada. O choque da cavalaria, em que o próprio Alexandre participara, deu tempo para que os persas pudessem fugir. No entanto, o que Dario não podia imaginar é que sua mãe, esposa e filhos cairiam nas mãos do rei macedônio (MELERO, 1997. p. 23).

É relatado que Dario, ao ser vencido pessoalmente, solicitou a liberação de seus familiares diretamente a Alexandre e ofereceu a ele um tratado de paz, rejeitado pelo então rei da Macedônia. Conta-se que Alexandre desejava que o rei persa suplicasse a ele, inclusive não permitindo que o persa o tratasse por igual, mas, que o considerasse o "senhor" da Ásia. Seis meses mais tarde, Dario novamente propôs um acordo de resgate, e além de riquezas, estava disposto a converter-se como "filho" do rei da Macedônia, colocando-se como seu submisso, o que fora mais uma vez rejeitado por Alexandre. Assim, após as duas propostas em vão, o persa preparou-se novamente para guerrear (MELERO, 1997. p. 23).

Alexandre desejava, assim, proteger de maneira eficiente a costa do Mar Mediterrâneo (um mar do Atlântico oriental que compreende partes da Europa meridional, Ásia ocidental e África setentrional e foi palco de

incontáveis embates bélicos ao longo da história) para evitar qualquer possível manobra persa e por acaso, em meio a este contexto, dirigiu-se em direção à Síria, onde a cidade de Tiro ofereceu resistência. Conta-se que a cidade era bastante inóspita e construída com muros que, em certos lugares, alcançavam até 50 metros de altura, no entanto, não pode resistir à invasão macedônia por muito tempo, já que após cerca de sete meses, Tiro foi completamente tomada e arrasada, sendo sua população morta ou vendida (MELERO, 1997. p. 23).

Depois da conquista da Síria, Alexandre empenhou-se a conquistar o Egito, o que teria sido mais fácil, já que os egípcios estavam insatisfeitos com a dominação persa. O rei macedônio, por sua vez, se apresentava como um *libertador* para essa população. Conta-se que, após seu feito, Alexandre adentrou no deserto em busca do Oásis de Siwah, local onde estava localizado o templo de Amnón, o deus oracular[28], que se correspondia com Zeus em nome dos gregos. Assim, os sacerdotes do local os saudaram como filho de Amnón, o que serviu como uma boa propaganda de Alexandre para os gregos, que viam tal aspecto como uma forma de "divinização",

28. Os oráculos são primordiais dentro da cultura e das crenças do mundo antigo. A manifestação do oráculo se assemelha a um culto, e só pode ser dado por certas divindades, em lugares determinados, e por pessoas determinadas, se respeitando rigorosamente os ritos e a vontade divina. Além disso, a interpretação sobre as respostas dos oráculos e, portanto, de um deus, pode se manifestar de diversas maneiras e exige uma iniciação para interpretá-las. O termo oráculo também pode designar tanto a divindade consultada, como o intermediário humano que transmite a resposta, levando em consideração, ainda, o lugar sagrado onde a resposta foi dada.

correndo pela Grécia a notícia de que o rei macedônio havia sido reconhecido como o filho de Zeus (MELERO, 1997. p. 24).

Há relatos a partir das fontes, inclusive, que o próprio Alexandre teria acreditado que de fato era divino, como apontou Quinto Cúrcio: "e agora, quando tudo estava em andamento, pensando que já era tempo de colocar em prática o que ele vinha perversamente planejando, começou a considerar como ele poderia usurpar as honras divinas. Ele desejava, não somente ser chamado, mas ser visto como sendo filho de Júpiter (Zeus), como se ele pudesse comandar as mentes dos homens como suas línguas; e ele ordenou que os macedônios prestassem respeito a ele ao estilo persa e o saudassem prostrando-se no chão. Neste desejo por tais coisas, ele não faltou com adulação perniciosa, o mal constante dos reis, cujo poder é frequentemente mais derrubado pela lisonja que pelos inimigos" (QUINTO CÚRCIO, 8. 5 *apud* CUNHA, 2014. p. 14).

A crença em sua divinização também teria sido reforçada pelos diversos antecedentes de Alexandre, por meio de sua mãe Olímpia, já que de fato a casa dos Molossos à qual ele pertencia reclamava para si a descendência do herói homérico Aquiles. Segundo Cunha, essa história provavelmente não alcançou tanta relevância na corte macedônia, pelo menos até o momento em que Olímpia foi rejeitada por Felipe II, quando ele se casou novamente. Há suposições de que ela, com medo de ver a sucessão de seu filho ameaçada, espalhou tais boatos

sobre a descendência divina, com o objetivo de reforçar sua superioridade ante as outras mulheres de Felipe, ao mesmo tempo em que afirmava que Alexandre, por ser filho de Zeus, não possuía qualquer laço com o pai. (FOX, 1974. p. 215 *apud* CUNHA, 2014. p. 15).

Dessa forma, a estada de Alexandre no Egito (final de 332 – primavera de 331 a.C.) foi marcada por dois feitos importantes, a viagem realizada ao oásis da Siwah, onde consultou o oráculo de Amon e também a fundação da cidade de Alexandria, que a partir daquele momento estava fadada a adquirir uma importância considerável no decurso da história (BRIANT, 2010. p. 6).

Enquanto Alexandre conquistou diferentes cidades do Império Persa, Dario preparou um exército de cerca de um milhão de homens, como 15 elefantes e duzentos carros de combate com foices em seus eixos, para que pudessem cortar tudo o que havia pelo caminho. Esperou Alexandre e sua tropa, próximo a Gaugamela, localizada à frente do rio Tigres e perto da Ruína de Nínive. O rei da Macedônia, por sua vez, contava com sua superioridade pessoal e com a excelente qualidade da tropa que o acompanhava. Era ao mesmo tempo astuto e não caiu na armadilha de tentar cruzar o rio diante do inimigo. De tal modo, seguiu com admirável rapidez até o norte da região, onde encontrou um local seguro para realizar a travessia, indo de encontro a Dario sem que seus homens fossem surpreendidos (MELERO, 1997. p. 24).

Ao começar o confronto, assim como em Isso, o rei persa empreendeu uma fuga, enquanto a cavalaria

aguentou o ataque do exército macedônio. A tropa de Alexandre, por sua vez, conseguiu a vitória, sendo que a maior parte de seus guerreiros nem ao menos adentrou na batalha. Com sua preparação, seu ataque e sua disciplina, as tropas de Alexandre pareciam invencíveis (MELERO, 1997. p. 24). Assim, Babilônia se rendeu sem resistência e brindou ao jovem rei.

Era na Babilônia que estavam os grandes tesouros do rei persa e agora, à mercê de Alexandre. Dali em diante, as conquistas das cidades próximas começaram a acontecer, o rei chegou até Susa, que também abriu as portas e possuía riquezas; e a Persópolis, a terceira capital persa que também se rendeu a Alexandre. Na primavera de 330 a.C., o rei macedônio iniciou uma perseguição desenfreada contra Dario, que havia decidido se retirar para o oeste. Ao mesmo tempo, na Hircânia[29], eclodiu um complô contra o rei persa, que acabou abandonado por seus principais oficiais. No verão de 330 a.C., Dario é feito prisioneiro e acabou sendo assassinado, não podendo Alexandre o encontrar vivo (BRIANT, 2010. p. 7).

Conquistadas as satrapias[30] orientais, em 327 a.C., Alexandre prosseguiu com sua expedição seguindo até a Índia, local de procedência do maior tesouro persa. No entanto, é necessário ter em mente que tais conquis-

29. Hircânia era o nome da província localizada nos territórios que atualmente correspondem às províncias iranianas de Golestan, Mazandaran, Gilan, e parte do Turcomenistão, ao sul do mar Cáspio. O mesmo mar era no mundo antigo chamado de "Mar Hircânio".

30. Nome dado às províncias do Império Persa.

tas não aconteciam sem dificuldade, pois como nos diz Briant "muito mais grave foi a feroz resistência das satrapias orientais após a morte de Dario. Cerca de três anos foram necessários para subjugar apenas Bactriana[31] e Sogdiana" (BRIANT, 2010. p. 24). O mesmo acreditava que, do outro lado desta região, encontrava-se o limite oriental de terra habitada e chegar até lá, portanto, seria um grande feito. A região da Índia, por sua vez, era liderada pelo rei Poros, que reuniu um grande exército com centenas de elefantes para o combate, nos quais colocou sua esperança em derrotar o Império de Alexandre (MELERO, 1997. p. 26). Somente a título de curiosidade, acredita-se que foi o jovem rei macedônio que indicou a prática de inserção de elefantes no combate militar, que continuou a ser utilizado nos séculos posteriores.

Poro, dessa forma, organizou seu exército e os elefantes dispostos em uma larga linha de batalha, premeditando que os inimigos os atacariam pela frente. Precisamente por esta razão, a tropa macedônia se posicionou de modo diferente, dirigindo-se para os lados, o que conseguiu instaurar a desordem e fez com que os elefantes pisoteassem os próprios soldados indianos. O rei Poros, após o combate, ficou bastante ferido, no entanto, conseguiu salvar sua vida e acabou sendo muito bem tratado por Alexandre, que se tornou seu amigo

31. Bactriana ou Báctria era uma região exposta à dominação e aos conflitos do período aqui relatado. Seu território hoje corresponde em grande parte ao Afeganistão.

(MELERO, 1997. p. 26). Desejando prosseguir rumo às suas conquistas, Alexandre ordenou que sua tropa seguisse adiante, o que teria sido a causa de um motim entre seus guerreiros, opositores da continuidade da expedição. Os mesmos alegavam o cansaço físico e mental que se encontravam, após meses de lutas contínuas, no entanto, tal desânimo poderia possivelmente estar relacionado com a brutalidade de certas medidas de Alexandre, inclusive contra sua própria infantaria.

Assim, conseguiram a ordem de retirada para o que seria um regresso doloroso através dos desertos, em meio à fome e à sede. Alguns autores gregos relataram a reação dos soldados quanto à possibilidade de regresso a Macedônia. Plutarco afirmou "Os outros macedônios que escutavam a notícia corriam todos felizes com as tochas: eles pensavam que, ao queimar e arruinar os palácios dos bárbaros, Alexandre demonstrava saudades do país natal e vontade de não se fixar na terra deles" (PLUTARCO, *Alexandre*, 38. pp. 6-7), ou ainda, como Quinto Cúrcio "Os soldados, como loucos, correm em todos os sentidos para as tendas; eles preparam seus pacotes para a viagem: tinha-se a impressão de que, no acampamento inteiro, fora dada a ordem de juntar as bagagens. Uns procuravam seus companheiros de tenda, outros carregavam seus carros..." (QUINTO CÚRCIO, VI, 2. pp. 15-16).

Mesmo que os soldados tenham demonstrado certa resistência quanto às vontades de Alexandre, o rei soube persuadi-los com destreza e maestria. Segundo relatos,

ele teria convocado o exército, e insistido em um discurso que ressaltava a fragilidade das conquistas por eles já empreendidas. Assim, conta-se que seus argumentos foram capazes de persuadi-los, e como nos contam os autores da Antiguidade, seus guerreiros teriam dado a liberdade para Alexandre os conduzir por onde desejasse (BRIANT, 2010. p. 27). A partir dessa reconciliação com seus soldados, durante dez meses, ocorreu a descida pelo rio Indo. Alexandre, inclusive, também enviou seu almirante, Nearco, com algumas tropas para explorar a rota naval que unia o rio Indo ao rio Tigres, e ao Eufrates, sendo outro dos feitos do jovem rei.

Os dois anos que se seguiram ao retorno da Índia foram marcados pela atividade frenética de Alexandre em todos os campos, pois ele prosseguiu com seus objetivos de dominar o Golfo Pérsico, enviando para a região três expedições, com o intuito da construção de um porto na Babilônia e da drenagem de seus canais, estão inseridos neste mesmo projeto. Em seguida, o rei teria submetido, ainda, os povos que se recusaram a reconhecer sua soberania, como os cosseanos[32] em 323 a.C. Alguns autores afirmam ainda que ele teria cogitado uma expedição aos territórios ocidentais, no entanto, existem muitas incertezas quanto a esse ponto (BRIANT, 2010. p. 9).

Vale a ressalva que a conquista de territórios tão extensos também trouxe problemas relacionados ao controle dessa população, já que os macedônios encontraram di-

32. Os cosseanos ou cassitas representavam mais um dos grupos populacionais assentados no Oriente, neste período.

ficuldades para controlar os territórios e as populações depois da passagem de Alexandre e de sua infantaria pelas cidades, que, principalmente na Ásia Menor, tinha por vezes se contentado em receber submissões formais. Como diz Briant, a necessidade era dupla: submeter de forma definitiva as regiões consideradas rebeldes e defender as conquistas já realizadas, protegendo como prioridade as grandes rotas estratégicas, que deviam permanecer abertas para permitir aos reforços macedônios e gregos que chegam para a campanha de expansão (BRIANT, 2010. p. 33).

Depois de algum tempo, Alexandre e sua tropa retornaram à cidade de Susa[33] e posteriormente seguiram em direção à Babilônia. Naquele momento, tinham o propósito de iniciar uma expedição naval que desceria pelo rio Eufrates, passando pela península arábica e seguindo pelo Mar Vermelho[34], conquistando portos e criando colônias. Quando ele e seus homens estavam prontos para sair em expedição, Alexandre se contagiou por uma forte febre e faleceu no dia 10 ou 11 de ju-

33. Susa era uma das cidades orientais do mundo antigo e tinha como capital Elam. Ela integrou os impérios babilônios e persas e esteve localizada acerca de 250 km a oriente do rio Tigre, no que hoje é o sudoeste do Irã. No âmbito da curiosidade, a região hoje corresponde a um grande campo arqueológico. O sítio arqueológico de Susa fica nas imediações da atual cidade de Shush, onde as escavações no local puseram a descoberto ruínas de edifícios administrativos, palácios e casas de habitação, capazes de demostrar uma fixação humana contínua desde o final do 5.º milênio a.C, sendo portanto, um importante elemento para a ampliação dos estudos arquelógicos e históricos.

34. O mar Vermelho corresponde a um golfo do Oceano Índico entre a África e a Ásia.

nho de 323 a.C., o que mudaria novamente os rumos da sociedade antiga (MELERO, 1997. p. 27). O fato é que Alexandre reconquistou em seu proveito todo o império aquemênida, tal como fora constituído por Ciro, Dario e seus sucessores. A despeito da precariedade da dominação macedônia em algumas regiões, a obra de sua expansão é inegavelmente imensa (BRIANT, 2010. p. 7).

Mesmo com suas conquistas reconhecidas na história, Alexandre não é unanimidade. Muitos historiadores ainda debatem quais seriam os reais objetivos e influências que agiram sobre o jovem rei e às suas atitudes. A ideia de que ele teria sido levado por suas pulsões psicológicas, já que era um grande admirador dos heróis relatados por Homero, em *Ilíada* e *Odisseia*, não parecem suficientes. Em diversos momentos, nos deparamos com publicações que reproduzem as vozes dos autores do mundo antigo, os mesmos que tiveram seus relatos adquiridos como fonte. Essa questão é por sua vez um grande problema, já que é sabido como estes pensavam a história e não hesitavam em maquiar os aspectos de realidade, justamente para exaltar o caráter mítico e heroico de nosso protagonista e sua empreitada, devendo ser analisados com um olhar enormemente crítico.

Em contrapartida, é exatamente pelos riscos enfrentados por Alexandre que não se pode justificar sua expansão apenas pelas pulsões emocionais, pois suas expedições possuíam riscos calculados. O jovem rei nunca iniciou uma nova etapa da campanha sem se informar

sobre os territórios que se preparava para conquistar, além de ter a consciência da condução de milhares de homens em expedição, em meio a regiões pouco conhecidas e hostis, parecendo óbvio que para uma tarefa tão arriscada, Alexandre não estava disposto a perder seu exército unicamente por causa de glória ou por uma pulsão emocional (BRIANT, 2010. p. 12).

Ao mesmo tempo, a impressão é que muitas produções, ao ambicionar reproduzir o discurso dos grandes homens e dos grandes feitos, tendem a reproduzir a ideia de que os rivais de Alexandre eram infames. É notável o modo como os persas, por exemplo, eram praticamente anulados das narrativas sobre Alexandre, como se este estivesse em uma batalha travada contra ele mesmo e não existisse adversário à sua altura. Além disso, seria equivocado imaginar que Alexandre fora uma espécie de desbravador de terras desconhecidas. É sabido que para suas conquistas o rei se beneficiava de informações fornecidas e estudava os territórios que pretendia anexar. Em 334 a.C., ano do início de seu reinado, já havia indícios sobre a dimensão do mundo que ele se preparava para adentrar. Ou seja, a clarividência de sua sabedoria não era em razão da sua superioridade intelectual ou "divina", mas sim pelo fato de que todos os territórios adentrados já haviam sido ocupados por outros povos, mapeados e, portanto, eram minimamente conhecidos.

Não se pode negar que o exército macedônio, conduzido por Alexandre, possuía superioridade técnica e destreza militar que eram invejáveis. O jovem herdara de seu pai uma tropa com total domínio da arte das batalhas campais, sendo Alexandre um tático sem igual, caracterizado, sobretudo, por sua extraordinária capacidade de adaptação. No entanto, Dario igualmente se valia de contingentes habilidosamente treinados e que também contavam com a inserção de novas técnicas de combate. Sendo, portanto, um grave erro subestimar a capacidade de resistência do Império Persa e do valor estratégico de seu rei. Já que nem "a constância com que Alexandre avançou nem seu sucesso final devem fazer crer que ele tenha conseguido completar seu empreendimento harmoniosamente, sem tropeços" (BRIANT, 2010. p. 19).

A criticidade quanto a esse período, portanto, é primordial, pois, justamente pelo fato de Alexandre ter se tornado uma figura emblemática e reproduzida ao longo dos séculos para servir a diferentes objetivos, muitas vezes é reportado como o invencível "soldado da civilização", o que não é, é claro, uma verdade. O fato é que a sociedade do jovem rei era extremamente complexa, com infinitas disputas territoriais e de poder político. Era uma sociedade formada por diferentes sujeitos e que resistia enormemente contra a dominação. Mantendo-nos atento, portanto, às tentativas de divinização de Alexandre, cabe observar como ele foi um indivíduo cujos feitos expansionistas eram extraordinários para o período, mas, acima de tudo, Alexandre era um homem de seu tempo, mortal, complexo e imbuído de erros.

VI

Um reinado sem Rei

As conquistas são fáceis de fazer, porque as fazemos com todas as nossas forças; são difíceis de conservar, porque as defendemos só com uma parte das nossas forças.

Barão de Montesquieu

A morte prematura do rei aconteceu em um momento de crise, durante o qual seus planos expansionistas deixaram de ser comum não somente ao exército — então cansado da dura e interminável campanha e da piora de Alexandre quanto ao seu comportamento autocrático - bem como da insatisfação da maioria de seus companheiros (CUNHA, 2014. p. 8). Ao mesmo tempo, é sabido que o reinado foi perdendo aos poucos sua legitimidade, à medida que se mostrou incapaz de conciliar os diversos interesses em jogo. Em meio a essa conjuntura é que ocorreu a morte de Alexandre, contribuindo para a formação de um cenário político incerto e competitivo (CUNHA, 2014. p. 08).

É possível afirmar que nos últimos anos de sua campanha, Alexandre já não possuía o perfil de *hegemon*[35] dos gregos, mesmo tendo ainda suas ordens acatadas por seus homens e súditos, que permaneciam fiéis a ele. Como afirma Cunha, "a ruptura entre os interesses do

35. Expressão utilizada no período para se referir ao líder.

rei e os interesses dos macedônios era significativa, o que constituiria um elemento notável diante da morte prematura do rei em 323 a.C, na Babilônia, e dos acontecimentos que se seguiram" , pois, "a situação política na Ásia e na Grécia, bem como a mudança no comportamento de Alexandre e a consequente reação negativa do exército, tiveram uma relação direta com esse crescente cenário de discórdia" (CUNHA, 2014. p. 10).

Apesar dos feitos expansionistas de Alexandre, não se pode cair no erro de supor que suas campanhas aconteceram sem divergências e sem resistências. Como já foi elucidado, a infantaria do jovem rei estava exausta de percorrer tantas localidades distintas, sem a previsão de retorno à Macedônia, local de origem dos soldados. Além disso, conta-se que outras medidas de Alexandre contribuíram para o descontentamento de seus homens, como, por exemplo, quando trouxe iranianos para substituir um total de 10 mil veteranos macedônios (DIODORO. 109. 2 *apud* CUNHA, 2014. p. 12), que compunham a distinta falange.

Essa ação teria causado grande revolta, já que seus homens sentiram-se rejeitados pela substituição dos guerreiros persas. Mesmo os soldados macedônios que permaneceram, se recusaram a seguir adiante como forma de descontentamento. Em meio a essa situação, apesar de Alexandre ter se comprometido a pagar cerca de um talento para cada veterano dispensado e pagar todas as suas dívidas, os mesmos recusaram a se submeter aos

mandos do jovem rei, condenando-o e proferindo gritos durante a Assembleia realizada (DIODORO. 109. 2 *apud* CUNHA, 2014, p. 12).

Além disso, a tentativa da incorporação dos costumes orientais e dos costumes e tradições persas à sua forma de agir e governar também eram motivo de insatisfação entre os macedônios. Como ressalta Cunha, alguns novos hábitos tinham sido adotados por Alexandre, como por exemplo, a adoção parcial das vestimentas persas e do luxo dos casamentos realizados na cidade de Susa em 324 a.C, no qual o rei levou seus principais oficiais a se casarem com as filhas de nobres persas, tendo ele mesmo se casado com outras duas mulheres além de Roxana, o que teria sido motivo de constantes desavenças entre os gregos, uma vez que "o luxo e a opulência persa feriam seus princípios" (CUNHA, 2014. p. 12).

Sobre tais questões de descontentamento, Arriano de Nicomédia afirmou que "durante toda a expedição eles tiveram muitas fontes de descontentamento; em muitas ocasiões anteriores eles foram envergonhados com suas vestimentas persas, que sugeriam a mesma coisa que o equipamento dos epígonos bárbaros ao estilo macedônio e a introdução de cavaleiros estrangeiros nas fileiras dos Companheiros" (ARRIANO DE NICOMÉDIA. 7. 8). Além disso, conta-se que Alexandre, ao se distanciar da Macedônia e de suas tradições, assumiu cada vez mais um poder autocrático e intolerante (WALBANK, 1993. p. 37 *apud* CUNHA, 2014. p. 12), o qual passou a ser repudiado por sua infantaria e pela população em geral.

Dessa maneira, o comportamento autoritário de Alexandre, junto à adoção de costumes orientais, promoveu uma ruptura entre os macedônios. Na segunda parte de sua expedição, ele foi visto muito mais como um *déspota* do que como uma *salvador*, e sua tentativa de centralizar seu Império de modo político e cultural teria colaborado para o princípio do desmembramento que viria a acontecer (CUNHA, 2014. p. 16), seguido pelos problemas quanto à sucessão após sua morte.

A morte de Alexandre, por sua vez, é ainda um aspecto polêmico, pois, pela distância temporal e a ausência de um corpo físico que possa ser investigado, o que temos são apenas *suposições* e *interpretações* baseadas nas fontes que nos aproximam das possíveis causas que colaboraram para sua morte. Parece que a ausência de uma exatidão quanto a esse momento, no entanto, chega até mesmo a incomodar a maioria dos admiradores da trajetória de Alexandre, como se um personagem mítico como ele não pudesse ter uma morte "comum", precoce e sem motivo aparente. Alguns pesquisadores dedicaram-se ao estudo sobre essa questão, mas sem chegar a uma resposta objetiva, já que até mesmo as fontes primárias do período são produtos de sua época, e acredita-se que muitas delas possam ter sido alteradas visando cumprir as intenções do período.

Os últimos dias de Alexandre na Babilônia podem ser capazes de oferecer pistas importantes tanto sobre o jovem rei quanto sobre os sucessores que estavam por

vir. Conta-se que em tal período, Alexandre estava deprimido pela morte de seu quiliarca – cargo que representava a mais importante posição na corte depois do rei – e companheiro, de nome Hefesto. Na ocasião, aparentemente, "os afazeres do rei se dividiam entre os planos para as suntuosas honras divinas que seriam atribuídas ao falecido general e a preparação para uma nova campanha no Oriente Médio" (CUNHA, 2014. p. 20).

Hefesto é um dos personagens de maior proximidade com Alexandre, uma vez que eles eram amigos desde a Macedônia. Não se pode afirmar se a relação entre os dois foi de apenas amizade, ou se tinham uma relação afetiva e sexual, comum no período. O historiador Robin Lane Fox, no entanto, afirmou que Hefesto fora na juventude seu grande amigo e seguramente o elemento sexual (frequente nas cidades-estados gregas entre jovens do sexo masculino ou entre homens mais velhos e rapazes mais novos) já teria então, se desenvolvido (FOX, 2004). Fox ainda ressaltou que ambos foram amigos excepcionalmente próximos e íntimos até a morte de Hefesto, quando Alexandre chorou profundamente e deixou de se alimentar por vários dias (FOX, 1980. p. 67).

O jovem rei macedônio também organizou um funeral importante para seu grande amigo na Babilônia e conta-se, inclusive, que ele enviou uma carta para o santuário de Ammon, que já antes o elevara ao estatuto de deus, solicitando-lhe que concedesse também a Hefesto as honras divinas. Os sacerdotes, por sua vez,

recusaram, mas o declararam herói divino. Acredita-se que Alexandre morreu pouco depois de receber essa resposta, chegando alguns pesquisadores a afirmar, de modo um pouco dramático, que o desgosto por conta da morte de Hefesto teria levado Alexandre a descuidar de sua própria saúde, algo que o teria debilitado e, portanto, facilitado sua contaminação.

Uma das questões mais interessantes também se desenvolve em torno das possíveis mensagens proféticas que Alexandre teria recebido, as quais prediziam que se o rei adentrasse na Babilônia teria sua morte anunciada. Mesmo após ter sido tranquilizado e convencido por seus homens a prosseguir com a expedição, os relatos dão conta do modo como o rei mostrava sinais de perturbação, também por conta da preocupação de que os presságios dos oráculos estivessem certos sobre seu fim (CUNHA, 2014. p. 20).

Alexandre, por sua vez, teria feito o possível para que as profecias não se realizassem, inclusive realizou sacrifícios e festividades de modo a afastar a má sorte. Fora em uma dessas festas, no entanto, que seu destino começava a ser traçado, conta-se que durante um banquete oferecido por seus companheiros, o macedônio ficou gravemente doente após uma noite de bebedeira e festejos (CUNHA, 2014. p. 20). A despeito de tais presságios serem verdadeiros ou não, o fato é que Alexandre dentro de alguns dias foi acometido por uma moléstia que o levou à morte, aos 32 anos.

A partir desse episódio é que começaram as especulações sobre a morte do rei. Aquela teria sido apenas uma morte natural por conta da moléstia? Ocorreu tendo em vista a tristeza pela morte de Hefesto? Alguém o teria envenenado? Essas foram somente algumas das suposições sem respostas levantadas, mas que, no entanto, merecem uma atenção especial.

Os relatos presentes nas fontes ditas primárias, ou seja, aquelas produzidas durante a vivência de Alexandre ou próximas ao período, são as mais utilizadas pelos historiadores. Os estudiosos acreditam que a partir delas seja possível aferir algumas possibilidades sobre sua morte, por meio da análise crítica da documentação.

O autor Donald Engels, por exemplo, em sua publicação *A note on Alexander's Death* (1978) não acredita que o rei tenha sofrido algum tipo de envenenamento, mas sim, teria sucumbido por conta de causas naturais. Engels ressalta o fato de que a região costumeiramente sofria por conta de epidemias, e a Babilônia possuía todas as condições favoráveis para o desenvolvimento de um grave tipo de malária, a suposta doença que teria acometido Alexandre. Outro fator que contrapõe o suposto envenenamento é o fato de que o rei estava sempre atento às possíveis conspirações contra ele, sendo improvável que tivesse se deixado envenenar durante vários dias sem notar ou então, ir em busca do culpado para castigá-lo (ENGELS, 1978 *apud* CUNHA, 2014. p. 26). Além disso, a condição física de Alexandre neste momento

não era das melhores, já que seu físico estava bastante debilitado por conta das sucessivas batalhas. O rei também não teria sido o único a contrair a doença que vinha se alastrando pela região, já que a partir dos escritos de Arriano, conta-se que muitos soldados também desenvolveram tal processo infeccioso e foram deixados para trás por essa razão (ARRIANO DE NICOMÉDIA 2.7 *apud* CUNHA, 2014. p. 27).

O historiador Fox também rejeitou a possibilidade de assassinato ou envenenamento, ressaltando que o mais provável motivo para a morte de Alexandre foi, de fato, a malária. O envenenamento, segundo ele, seria pouco plausível já que as ervas do período tinham um poder intenso e sua ação aconteceria rapidamente e não ao longo de vários dias, além disso, não supõe que neste momento existia algum tipo de conspiração entre seus generais para derrotar Alexandre e disputar seu poder (FOX, 1974. pp. 470 – 471 *apud* CUNHA, 2014. pp. 27-28), como aconteceria nos anos seguintes.

Outros autores, no entanto, já não descartam totalmente a possível intoxicação premeditada de Alexandre, tendo em vista que o clima de insatisfação com suas políticas era intenso, tanto por parte dos macedônios, como dos gregos e dos persas em geral, sendo considerado por muitos como um rei autoritário que impunha suas vontades apenas pela violência. Como afirmou Cunha, as fontes do período são extremamente contraditórias, também por conta das possíveis alterações que

ocorreram por motivos políticos, mas, "os rumores sobre o envenenamento não aparentam ter surgido deliberadamente, dotando todo acontecimento de natureza muito questionável, de modo que tais evidências não podem ser desconsideradas e devem ser levadas mais a fundo" (CUNHA, 2014. p. 28). O fato é que, sendo a morte de Alexandre em decorrência da malária, da tristeza que o acometeu pela morte de seu amigo Hefesto ou por envenenamento, os rumos de seu Império estariam em jogo novamente. As disputas pela sucessão do trono passariam a acontecer, gerando diversas disputas políticas.

Após a morte de Alexandre, um território imenso e poderoso havia ficado sem rei, o que gerou uma sensação de enormes incertezas quanto ao futuro de seu Império. A questão da sucessão foi um problema, uma vez que ele não havia mencionado qualquer possível sucessor em seu leito de morte, capaz de assumir suas tarefas. Conta-se que Alexandre nunca teria ouvido os conselhos que lhe foram dados sobre a necessidade de providenciar um herdeiro antes de se lançar às aventuras tão arriscadas a que ele e seus homens se submetiam. Isso certamente se tornou um problema após sua morte.

Uma de suas esposas, Roxana, no momento da morte de Alexandre, estava grávida do primeiro filho do casal, porém, um território tão poderoso obviamente não poderia ficar à mercê de invasões e sem um líder para comandar. Assim que o jovem rei morreu, a disputa para ocupar seu lugar tornou-se acirrada. Há quem diga que

muitos macedônios também se opuseram à ideia de confiar a sucessão a uma criança nascida de uma iraniana. Além disso, o sistema de regência naquele momento não lhes parecia conveniente e ainda não era possível saber se o bebê no ventre de Roxana era uma menina ou um menino.

Apesar dos conflitos, o meio-irmão de Alexandre, Felipe Arridaio, que sofria de uma deficiência mental, cuja especificidade ainda continua como uma incógnita entre os pesquisadores, e seu filho, Alexandre IV, que nasceu após sua morte no mês que corresponde a agosto de 323 a.C., foram proclamados reis, e a regência passou a acontecer. As figuras históricas de ambos, no entanto, muitas vezes acabam preteridas pelos pesquisadores, já que a grande ruptura com o Império construído por Alexandre aconteceu em momento posterior. Também havia Hércules, filho bastardo de Alexandre com a concubina Barsine[36], outra opção que fora rejeitada tendo em vista as condições de seu nascimento e as origens de sua mãe.

O futuro de seu reino, portanto, seria decidido pelos seus generais, resultando em uma contenda que perduraria por décadas (CUNHA, 2014. p. 30). Pode-se dizer que o reinado de Alexandre foi marcado por batalhas e campanhas quase intermináveis, onde pouco foi feito para que

36. Não há muitas informações quanto à relação de Alexandre, o Grande, com Barsine. Sabe-se, no entanto, que ela, assim como o jovem rei, foi incentivadora de casamentos entre mulheres persas e os oficiais macedônios.

seu domínio fosse consolidado. De acordo com Cunha, "o que vemos a respeito de seu império, após sua morte, é uma instável constituição de diferentes sociedades, povos e culturas, unidos em uma fragilizada tentativa de unificação política" (CUNHA, 2014. p. 10).

Conta-se que, durante o debate sobre a sucessão, as posições assumidas pelos generais eram difíceis de se conciliar. Um deles, Meleagro interveio em favor de Hércules e Arridaio, por julgar que não havia necessidade de esperar um herdeiro incerto, quando o filho e irmão de Alexandre estavam vivos e aptos para governar (JUSTINIANO, 13.2 *apud* CUNHA, 2014. p. 32), ao mesmo tempo, condenava as origens da mãe do filho legítimo de Alexandre, já que Roxana era proveniente de um povo que foi subjulgado pelo jovem rei. Contra essa questão, Meleagro não esteve sozinho, já que muitos oficiais também se manifestaram contrários. Outro oficial, Ptolomeu teria indagado "de fato a estirpe mais digna para governar a raça dos macedônios são os filhos de Roxana e Barsine, cujo nome toda a Europa se envergonhará ao ouvir, uma vez que é o de quem é, em sua maior parte, um cativo?" (QUINTO CÚRCIO, 10.6 *apud* CUNHA, 2014. p. 32).

Havia desde o princípio, no entanto, a ideia de dividir o Império entre os próprios generais, sendo um discurso que passou a ganhar força e teve Ptolomeu como um dos principais representantes. Conta-se, por sua vez, que Alexandre antes de morrer entregou um anel real a Pérdicas, o que foi considerado como um ato implícito

sobre o desejo do rei acerca de seu sucessor. O mesmo que teria sido um importante general durante as campanhas macedônias na Ásia, comandante da cavalaria e tornou-se em 330 a.C. guarda pessoal do próprio Alexandre. Assim, em 323 a.C., Pérdicas tornou-se o regente do Império. Deve-se ressalvar que ele assumiu o poder em meio a conflitos e disputas, não sendo uma processo de escolha unânime, mas que, no entanto, resolveu temporariamente o problema da sucessão.

O acordo da Babilônia, portanto, se deu de forma vantajosa ao general, mas trazia consigo limitações de poder. O poder de tutela dos reis, Arridaio e Alexandre IV (quando este viesse a nascer) foi dividido entre Pérdicas, que ocupou a função de quiliarca, e Crátero, considerado como o protetor de Arridaio. Crátero não poderia ser esquecido em tal acordo, já que era considerado um dos generais mais queridos e leais ao rei e dispunha de um exército composto por 10 mil veteranos (CUNHA, 2014. p. 34). Já a administração dos territórios do Império foi dividida entre outros generais importantes, como Ptolomeu, designado ao comando do Egito, e Antípatro, no comando da Macedônia. Embora Pérdicas tenha conseguido a regência que desejava, tinha ao mesmo tempo se aliado a dois poderosos nomes, que poderiam se tornar adversários em potencial e até mesmo eliminá-lo, caso não fizesse os movimentos que almejavam (CUNHA, 2014. p. 35).

A partir de tal momento, portanto, novas configurações passaram a surgir, até mesmo pelas aspirações

pessoais que viriam à tona. Era, assim, improvável que o Império se mantivesse da mesma maneira como desenhado nos planos expansionistas de Alexandre. Tampouco continuaria a existir (se é que algum dia existiu) de modo unitário e homogêneo.

Há relatos de que Antípatro ofereceu sua filha em casamento para Pérdicas, o que teria formado uma aliança conveniente a ele antes do acordo da Babilônia, no entanto, o general, com sua posição já estabelecida, fez um novo acordo, dessa vez com Olímpia, se comprometendo a casar com Cleópatra, irmã do próprio Alexandre. Essa ação, por sua vez, causou revolta aos outros generais, pois, expunha claramente suas ambições de se inserir na realeza. Isso, no entanto, não significava que os outros generais, com exceção de Ptolomeu, não compartilhassem do mesmo desejo (CUNHA, 2014. p. 36). Tal ato espalhou o conflito rapidamente, o que fez Antípatro, Crátero, Antígono e Ptolomeu se juntarem em uma revolta. O evento concreto que deflagrou a batalha entre eles foi o roubo do corpo de Alexandre por Ptolomeu, que o levou até o Egito (Pausânias, 1.6.3).

Em 321 a.C, no entanto, Pérdicas acabou sendo assassinado por oficiais de exércitos inimigos. Conta-se que Ptolomeu chegou a estabelecer um acordo com os assassinos de Pérdicas, nomeando-os regentes em seu lugar, no entanto, um tempo depois, estes firmaram acordo com Antípatro, que passou a governar. Assim, no ano de 320 a.C., ele foi nomeado como regente do Império, um

general fiel não somente às políticas de Alexandre, mas também de Felipe II. Ele teria sido nomeado por Alexandre ainda em vida, como administrador da Macedônia e do território grego. Antípatro, no entanto, morreu em 319 a.C e nomeou como seu sucessor Poliperconte, um general macedônio que também havia acompanhado Felipe II e Alexandre durante suas campanhas.

Essa sucessão, no entanto, estaria fadada a ser alvo de disputa, uma vez que Antípatro possuía um filho, Cassandro, que também desejava o poder e estava disposto a derrubar Poliperconte, travando entre eles uma guerra civil. Cassandro conseguiu tomar a Macedônia e a dominou, enquanto Poliperconte fugiu para a região do Épiro.

Naquele momento uma importante situação se configurou, pois, logo que Poliperconte chegou à cidade, encontrou a mãe de Alexandre, Olímpia, Roxana e seu filho, Alexandre IV, e formou com eles uma aliança, juntamente com o rei do Épiro no período, Aecides. O que ninguém poderia imaginar é que Cassandro, sedento por vingança e poder, assassinaria Olímpia e tomaria Roxana e Alexandre IV sob sua custódia. Alguns pesquisadores acreditam que sua atitude esteja vinculada a um ato de retaliação contra Olímpia, que anteriormente teria mandado matar o irmão de Alexandre, Felipe Arridaio.

Foi nessa ocasião, então, que um nobre macedônio, Antígono Monoftalmo, também general de Alexandre,

ascendeu ao poder e governou toda a Ásia Menor e a região da Síria. Cassandro, por sua vez, não desistiu de seus objetivos e propôs uma coligação com os generais Ptolomeu, Lisímaco e Selêuco. Uma mudança importante é que, após a morte de todos os familiares de Alexandre, os generais que disputavam o poder passaram a se declarar como rei, portanto, a administração deles ficou conhecida na história também como dinastias. Tais conflitos ficaram conhecidos como "Guerra dos Diádocos", como passaram a ser conhecidos e de significado "sucessores".

Dessa maneira, os principais generais – diádocos - de Alexandre estavam prontos a iniciar uma acirrada disputa para se apropriarem do poder. De certa forma, podemos dizer que Alexandre introduziu na história aqueles que seriam os agentes que levariam ao desmembramento e ao fim do império macedônio, pacientemente construído (BRIANT, 2010. p. 58). Entre os generais, concentravam-se duas tendências sobre o destino do Império, uma que desejava manter sua unidade e a outra que pretendia dividi-la. Nas quatro décadas que se seguiram, de 323 a.C. e 280 a.C, os generais de Alexandre enfrentaram-se em lutas constantes em torno da disputa por territórios.

Cassandro, Ptolomeu e Lisímaco formaram uma aliança para derrotar Antígono, com lutas constantes, cujo ponto mais importante de confronto foi a Batalha de Ipso em 301 a.C., na qual Antígono morreu. O seu

filho Demétrio, no entanto, conseguiu escapar e manteve o domínio de algumas regiões. Assim, a coligação formada pelos quatro generais decidiu pela divisão dos territórios: Lisímaco tomou partes consideráveis da Ásia Menor, Selêuco da Síria e da Mesopotâmia e Cassandro, da Macedônia e da Grécia.

Com a morte de Cassandro em 297 a.C., Demétrio percebeu sua possibilidade de expansão e seguiu para a conquista da Macedônia, porém, foi surpreendido e expulso por Lisímaco, que havia neste período estabelecido aliança com o rei Épiro, Pirro. A partir daí, as disputas entre os generais mudaria de figura, Demétrio adoeceu e morreu, mas antes teria se rendido a Selêuco. Posteriormente, os generais que estavam unidos também entraram em confronto, sendo Lisímaco derrotado por Sêleuco, em 281 a.C., que, por sua vez, não aproveitou por muito tempo sua glória, já que fora assassinado pelo filho de Ptolomeu, Ptolomeu Cerauno.

A partir de tal momento, uma série de invasões ao território passaram a acontecer, contribuindo para acentuar o caos. O perigo que a invasão representava fez com que Antígono Gónatas (neto de Antígono Monoftalmo) e Antíoco (filho de Selêuco) estabelecessem um pacto através do qual cada um se comprometeu a não se envolver na área de influência do outro.

Os reinados continuaram envoltos pelas disputas territoriais e de invasões inimigas, sendo progressivamente integrados naquilo que se tornou o Império Romano posteriormente, a Ásia Menor perpassava agora por mui-

ta disputa, resistência e transformação. Era o início de um novo Império que estava ascendendo, que, com o tempo, consolidou seu lugar na história. Era ao mesmo tempo, o fim do Império de Alexandre.

VII

Legado: Sociedade, poder e cultura

E quando um Grande Rei, para abrandar, para domesticar como verdadeiros animais povos intratáveis e dispostos a combater, tem a ideia de acalmá-los e contê-los adotando suas vestimentas tradicionais e seu gênero habitual de vida, dizem que é um crime o fato de pretender familiarizar a má intenção, tornar acessíveis temperamentos violentos! Não se devia em vez disso admirar a sabedoria com que ele, através da mais simples mudança de roupa, se conciliou com a Ásia? Enquanto submetia os corpos pela força das armas, atraía os corações pela maneira de se vestir.

Plutarco, *Sobre o destino de Alexandre*, I, § 8

Muitos historiadores chegaram a acreditar que Alexandre desejou formar um Império Universal, também relacionado à grande extensão territorial que o jovem rei alcançou e exerceu seu poder. É possível duvidar, no entanto, de que ele possuía de antemão a ideia de uma universalidade de domínio e conquistas, mesmo sendo evidente seu desejo de expansão e autoridade para além do Império Persa. É sabido que Magno também desejou uma organização de tais territórios, submetidos a um ponto de vista civilizador, ao passo que também seria integrado à sua própria cultura. Se não fosse acometido pela febre que levou a sua morte, provavelmente sua expansão teria abrangido muitos outros territórios, devido também à ganância do jovem rei pelo domínio e pelo poder. Isso, porém, são apenas hipóteses, pois o que temos é o que de fato aconteceu e os legados deixados.

Ao longo dos treze anos de expansão, Alexandre não somente anexou territórios, mas também realizou diversas mudanças que englobaram questões econômicas,

políticas e sociais daquela sociedade. A questão mais comumente referenciada em todas as produções que retratam aspectos de sua vida é baseada na ideia sobre o desejo de Alexandre em reduzir ao máximo as diferenças entre os macedônios, os gregos e os bárbaros, que, sob o seu domínio, eram obrigados a conviver. Visando esse objetivo, portanto, ele formulou uma política de fusão, cuja pretensão era a de mesclar os numerosos povos que havia conquistado (MELERO, 1997. p.27), realizando uma síntese entre o Ocidente e o Oriente, de forma a deixar um legado.

Essa junção ficou conhecida ao longo da história e foi apresentada em diversos livros como *Helenismo*, sendo que o período em que Alexandre liderou ficou conhecido como *Helenístico*. Como já vimos, essa sua ação não foi aceita com unanimidade e a insatisfação com a mescla de cultura e costumes era intensa, no entanto, não se pode negar as influências, rupturas e inovações propostas por Alexandre que atingiram a sociedade da época.

A administração do reinado era realizada pelo próprio Alexandre, confiante de sua inteligência. Sobre as finanças do reino, enquanto esteve em suas mãos, não é possível afirmar acerca dos volumes gastos, em decorrência da ausência de fontes no período sobre tal questão. Pode-se, no entanto, imaginar que as contas não eram de volumes baixos, principalmente em razão das celebrações que ostentavam riquezas, as obras públicas visadas pelo jovem rei, além do custeio das tropas cons-

tantemente renovadas, e dos gastos para incrementar e constituir armamentos para o exército.

Seus objetivos políticos ultrapassaram os campos de batalha, pois ele se mostrava preocupado com a expansão também do conhecimento em torno da região explorada. Conta-se que em sua expedição à Ásia, Alexandre levou consigo engenheiros, geógrafos e naturalistas, ampliando os conhecimentos sobre a fauna, a flora e os recursos minerais do Oriente. Entre seus interesses, também estava o conhecimento de novas rotas marítimas e fluviais, além da expansão e da melhoria das rotas terrestres (MELERO, 1991. p. 29). Tais questões nos permitem refletir sobre os amplos interesses de Alexandre nesta região, além dos planos interrompidos por sua morte.

Conta-se que, dentre os planos de Alexandre que não puderam se concretizar, estavam: "a construção da pira funerária de Hefesto; a construção de mil navios de guerra, a serem usados em uma campanha que percorreria desde Cartago; a construção de seis suntuosos templos para centros religiosos gregos e macedônios – o maior deles a ser construído em Troia –, e a construção de uma tumba para Filipe, de tamanho semelhante à maior pirâmide egípcia" (DIODORO 18. 4 *apud* CUNHA, 2014. p. 33). Foi relatado, no entanto, que tais projetos foram considerados extravagantes e impraticáveis, e logo foram rejeitados pelos generais que viriam a ascender ao poder.

É possível que Alexandre, imbuído de uma espécie de "messianismo" e convencido de ser responsável por uma grande missão, tivera o sonho de formar um único

povo, com a junção dos gregos e bárbaros, partindo dos precedentes contatos entre a Grécia e o Oriente. Talvez, assim, se explicaria a adoção de modos e dos costumes orientais, como até mesmo seu casamento em 327 a.C., com a bacteriana[37] Roxana, pertencente a uma cultura diferente da macedônia. É sabido que, além de seu próprio casamento, também forçou muitos gregos e macedônios a se casar com nobres persas, e realizou a inscrição de 300 mil jovens asiáticos em suas tropas, os quais ensinariam a língua grega e seriam armados e treinados segundo a tradição macedônia (MELERO, 199. p. 29), o que também foi causa de discórdia.

Alexandre ainda encontrou uma forma interessante de divulgar o seu Império para todo o mundo grego. Mais do que construir monumentos em sua homenagem (o que seria algo estático e poucos teriam a oportunidade de ver), o jovem rei se aproveitou da cunhagem de moedas com sua face inserida em tais objetos, algo que colaborava para a ampliação de um imaginário sobre o seu governo. A moeda "estruturalmente ultrapassava os limites geográficos do poder que a emitia e definia ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que este pertencia" (CARLAN E FARIA, 2011. p. 1). Essa cunhagem de moedas também possuía diferentes objetivos, tanto ideológicos como políticos, inclusive muitos depósitos monetários eram elaborados em templos e locais sagrados, pois acreditava-se que até mesmo

37. Nome dado aos nascidos na região da Báctria.

o verso (a coroa) teria o poder de afastar o mal (FLORENZANO, 2001. p. 59).

Além disso, há relatos sobre o modo como as possibilidades de cunhagem foram consideravelmente aumentadas a partir do confisco de grandes tesouros persas da região da Síria, da Babilônia e do Irã. Ainda assim, a economia monetária não penetrou por todas as localidades, sendo que até mesmo em épocas posteriores, várias regiões ainda ignoravam o uso de espécies monetárias, acostumadas ao instrumento de trocas habituais, baseada na prata pesada (BRIANT, 2010. p. 38).

Segundo historiadores, a política monetária de Alexandre atendia a uma dupla necessidade, ele necessitava, antes de tudo, pagar as ações dos milhares de soldados de sua infantaria, ao passo que também financiava a guerra por meio de seus recursos. Por outro lado, como já foi dito, a moeda era, nesse período, um instrumento de divulgação muito importante, justamente pelas imagens transmitidas por ela. O rei, assim, impunha a toda parte os temas ideológicos que justificavam e exaltavam sua obra de conquistador, contribuindo, também, para promover a unidade do Império Macedônio. Cunhagens locais de moeda também continuaram a ser feitas, mesmo depois de Alexandre Magno ter ordenado sobre a produção de moedas de prata com o seu nome, que serviam, entre as diversas funções, como um importante elemento de divulgação de suas conquistas (BRIANT, 2010. p. 38).

A política de fusão das culturas é também um bom argumento para explicar a criação de trinta cidades por

parte de Alexandre, que serviram desde sua fundação para seus objetivos políticos e econômicos. Tais cidades receberam instituições helênicas, como assembleias, conselhos e magistraturas. Conta-se que eram administradas internamente como *pólis*, no entanto, não possuíam uma autonomia administrativa. Outro fator interessante é que elas também se distinguiam de outras cidades por sua composição ética, já que eram formadas por uma mescla de gregos de baixa escala social junto aos macedônios, estes que se destinavam aos conselhos e magistraturas, reforçando mais uma vez a fusão cultural proposta por Alexandre (MELERO, 1991. p. 29).

Entre as cidades criadas, está Alexandria, fundada em 331 a.C no Egito, que fora sua capital por quase mil anos. Tal localidade tornou-se referência por mais de três séculos como importante centro cultural e foi detentora de uma das maiores bibliotecas do mundo antigo, a Biblioteca de Alexandria. Em 280 a.C., foi construído na região o "Farol de Alexandria", com o objetivo de servir como um marco na entrada do porto da cidade. Apesar da sua destruição por causas naturais em 1323, o Farol foi considerado como uma das "sete maravilhas da Antiguidade".

Alguns historiadores alertam, no entanto, para a difícil distinção entre quais seriam os objetivos civis e os objetivos militares de Alexandre em certas ações, pois, são considerados em campo mais amplo, como característicos de sua política de valorização. O caso das fundações

das cidades, por exemplo, é relacionado na maioria das vezes como parte de uma intenção militar predominante, que colaborava para a intensificação do poder de Alexandre. Com sua morte, algumas das cidades fundadas prevaleceram mesmo após a divisão do Império, como a Alexandria do Egito que fora a mais promissora dentre elas, enquanto outras chegaram ao fim não muito tempo depois de que foram criadas (CUNHA, 2014. p. 17).

Apesar do desejo do rei quanto à fusão cultural entre o Ocidente e o Oriente, os aspectos relacionados à religião e às artes não foram intensamente influenciados. A questão religiosa, por exemplo, não sofreu nenhuma transformação significativa, já que o macedônio demonstrava grande deferência aos deuses de forma geral, levando a ideia que todas as divindades eram igualmente válidas e que cada povo deveria conservar a crença nos seus (MELERO, 1997. p. 29). É possível, dessa maneira, perceber a tolerância de Alexandre em certos aspectos, mas, não se deve acreditar que a liberdade era uma questão inerente às cidades e aos submetidos por ele. A liberdade era, por sua vez, concedida pelo jovem rei e, portanto, precária e limitada, sendo a crítica quanto seu comportamento violento e autocrático constantemente referenciado.

Como Pierre Briant nos diz, um exemplo capaz de ilustrar como essa questão se aplicava foi a interessan-

te situação ocorrida em Aspendos, cidade da Panfília[38], que, em um primeiro momento, obteve de Alexandre a isenção de guarnição mediante um pagamento de cinquenta talentos[39] e um tributo em cavalos, acerto esse que garantia aos aspendianos sua autonomia. No entanto, diante da notícia de que Aspendos se recusava a aplicar o acordo, Alexandre voltou sob seus muros e impôs um novo acerto de contas que, "em que a 'autônoma', tornou-se cidade 'sujeitada'" (BRIANT, 2010. p. 16).

Sua própria personalidade nos oferece pistas para essa reflexão, já que muitas vezes ele é representado como uma pessoa ao mesmo tempo instável e sanguinária – devido à destruição de cidades, como Tebas e Persépolis que foram arrasadas – mas, no entanto, também como um homem que sabia respeitar seus submissos e derrotados, sendo um admirador das diferentes culturas, das ciências e das artes, novamente demonstrando as ambiguidades em torno da sua figura.

Seu enorme reino era composto por grandes regiões, com uma larga tradição de independência, mas, no entanto, não tinham condições de libertarem-se do domínio macedônio, também devido ao fato de que a administração central e local contavam com um armamento

38. A cidade de Panfília, em latim *Pamphylia*, era o nome de uma região no sul da antiga Ásia Menor (Anatólia), entre a Lícia e a Cilícia, estendendo-se do Mediterrâneo até os montes Tauro. Atualmente, o território corresponde à província de Antalya, na Turquia.

39. Unidade de massa, confundido seu significado com moedas, pois era bastante utilizada para designar grandes quantidades de ouro ou prata.

poderoso e que dificultava rebeliões (MELERO, 1997. p. 30), no entanto, como já fora apresentado, as resistências existiam, mesmo que em menor intensidade em algumas localidades.

Alexandre deixou como legado uma obra grandiosa e ao mesmo tempo frágil, tendo em vista que o período era de intensa disputa de poder e expansão territorial, o que garantia que seu Império não iria se manter da mesma forma por muito tempo.

Interessante perceber como ele não somente se preocupou com a posse de um grande Império, mas intencionou a tarefa de dar-lhe novas formas, novos elementos, criando novas fontes e recursos, construindo novas cidades e favorecendo as atividades econômicas e comerciais do período. Mesmo tendo morrido jovem, é possível dizer que os treze anos de expansão causaram transformações significativas para o mundo antigo, sem julgar aqui o caráter de valor das mesmas, no entanto, é inegável que as medidas, as batalhas, as conquistas e objetivos do jovem rei chegaram a limites antes inimagináveis e serviram de inspiração para todos os conquistadores seguintes.

Com a morte do rei macedônio, no entanto, também se iniciaram as controvérsias quanto a sua figura e a sua personalidade. No decorrer dos séculos, Alexandre teve seu papel reconhecido como um importante conquistador, "libertador" e "renovador", ao menos era essa a imagem que passou a ser construída. Na mitologia e

no folclore dos povos do Oriente, por exemplo, pode-se perceber que a imagem de Alexandre como um célebre homem converteu-se na de um rei conquistador e truculento, que incendiou os livros sagrados de Persépolis e visto, portanto, como uma figura nefasta.

Indo de encontro a essa reflexão, é justamente pelas inúmeras facetas que o nosso protagonista assumiu durante sua vivência e nos séculos procedentes que sua figura tornou-se atemporal e polêmica, utilizada em momentos diversos visando a determinadas intenções.

A partir do momento de sua morte, Alexandre passou a ser representado de diferentes maneiras, sendo até hoje alvo de incontáveis releituras. Talvez seus feitos, tão extraordinários para o período em que viveu, não tenham permitido que ele descansasse em paz, nem ao menos nos livros de história. São diversas as representações: mítico, irreal, herói, vilão, ambíguo, conquistador. É sobre algumas dessas facetas que seguiremos no próximo capítulo.

VIII

Criando um imaginário: Representações de Alexandre

O mito de Alexandre é, seguramente, um fenômeno de longa duração.

Pedro Prado Custódio

Alexandre é um homem de seu tempo, portanto, suas ações e feitos estão vinculados à cultura e à sociedade da sua época. Sua figura histórica foi construída a partir de diferentes olhares e discursos, interligados à época e aos interesses em que foram elaborados. Uma vez prontos, tais discursos foram apropriados e reapropriados, relatando um Alexandre de diferentes maneiras. Na próprio mundo antigo, algumas décadas após sua morte, Alexandre passou a ser objeto de análise de diferentes autores, interessados nas peculiaridades da sua vida, seus feitos e suas conquistas. Os mesmos relatos e análises nos serviram de fontes, para que até hoje suas conquistas possam ser conhecidas, divulgadas, criticadas ou até mesmo admiradas. Uma figura histórica, portanto, polêmica e que recebe novas interpretações a todo momento, dificilmente se tornando um consenso.

Na época medieval[40], as referências a Alexandre continuaram, tendo o historiador Pedro Prado Custódio em sua obra *Alexandre Magno: aspectos de um mito de longa duração*, dedicado-se ao estudo delas a partir do poema *Roman d'Alexandre* – na versão compilada de Alexandre de Paris - e datada de cerca de 1180 -1189. O autor, assim, nos apresenta algumas das facetas de Alexandre que foram referenciadas, por meio dos capítulos "Alexandre como soberano/suserano", "Alexandre como desbravador/cruzado", "Alexandre como messias/herói mítico", "Alexandre como um rei orgulhoso: presunção e castigo?". Custódio apresenta a seu leitor como a figura de Alexandre fora utilizada no poema para demonstrar à sociedade da época medieval o que seria o modelo "ideal" de cavaleiro, utilizando tanto os pontos favoráveis, como os negativos da vida do rei macedônio, de modo a servir como referência.

Foram diversas as facetas atribuídas a Alexandre no poema, como a de corajoso, justo, generoso com seus pares, clemente com os vencidos (CUSTÓDIO, 2006. p. 27), de herói cristão que lutou contra seus inimigos (CUSTÓDIO, 2006. p. 99), mas ao mesmo tempo, também visou demonstrar seus atos intempestivos, regados a vinho e de uma vida desregrada, que contribuíram para seu fim,

40. O período medieval é compreendido entre os séculos V e XV. Iniciou-se com a Queda do Império Romano do Ocidente e é postulado seu fim junto à transição para a Idade Moderna. A Idade Média é costumeiramente conhecida como o período intermediário da divisão clássica da História ocidental em três períodos: a Antiguidade, Idade Média e Idade Moderna.

dado que o poema apresentou a morte de Alexandre a partir de um trágico final. De certa forma, se pretendeu demonstrar ao público leitor da época que um homem nunca deve ser desassociado de seus atos, atingindo a publicação um caráter moralizante.

Outra importante obra do período medieval foi O *Romance de Alexandre* de Pseudo Calístenes, publicação que foi traduzida em diversas línguas e no período teve ampla divulgação, se perpetuando no imaginário dos homens medievais (FARIA, 2012. p. 5). Sobre tal obra, a historiadora Claude Mossé afirmou que "o que chama a atenção na leitura do presente romance e de suas variantes não é apenas o caráter descosido do conjunto, a cronologia confusa estabelecida pelos historiadores antigos, da qual encontram-se, no entanto, empréstimos no relato, mas também e, sobretudo o aparecimento do fantástico, remetendo ao mesmo tempo para a epopeia homérica e os contos egípcios" (MOSSÉ, 2001. p. 191 *apud* FARIA, 2012. p. 5).

Faria afirma, ainda, que a descrição de Alexandre durante o período medieval atingiu duas vertentes. A primeira, presente entre os séculos 7 e 13, o representava de uma forma "cavaleiresca", sendo por volta de 1448 que atingiu o ideal monárquico. Já em uma segunda vertente, por volta de 1500 a 1550, os historiadores gregos foram trazidos à tona novamente, em que a imagem de Alexandre como ambíguo começa a reaparecer. Ele volta, assim, a ser representado como o príncipe pagão e sua imagem de *célebre* rei, cai em desuso (FARIA, 2012. p. 5).

Entre os séculos 16 e 18, no entanto, Alexandre foi o personagem histórico mais representado nas artes visuais europeias, retratado mais do que qualquer outro líder militar e político que a Literatura e a História tenham sinalizado como determinante para a formação da Europa. Além disso, as pinturas demonstram como neste período a figura de Alexandre personificou as qualidades atribuídas pela literatura política, desde o final da Idade Média para a imagem viria a ser consolidada acerca do rei ideal (RODRIGUES E TELLES, 2015. p. 113).

Vale a ressalva de que o Alexandre representado na literatura não é exatamente o mesmo representado nas artes visuais, possuindo importantes distinções. O rei macedônio da literatura foi apresentado ao longo do tempo de modo mais complexo, em que oscilou entre as características positivas e negativas atribuídas à sua figura. Foi exposto entre o herói conquistador e o herói egocêntrico, "que cede aos seus instintos mais primários, com o seu comportamento a servir de exemplo ao presente tanto pela imitação como pela antítese" (RODRIGUES E TELLES, 2015. p. 114). Já o Alexandre representado nas artes é predominantemente positivo, até mesmo porque tais produções se basearam nos escritos de Plutarco para serem elaboradas, sendo ele o escritor que mais realçou as qualidades do jovem rei, como a sua coragem, a sua generosidade, a sua magnitude, a sua capacidade de liderança e o seu autocontrole no decorrer das campanhas (RODRIGUES E TELLES, 2015. p. 114).

A imagem de Alexandre como o governante ideal acaba sendo suplantada no século 15 pela imagem do líder e herói militar, e essa figura, por sua vez, também vai ser reapropriada iconograficamente. O jovem rei macedônio se tornou um símbolo de resistência ocidental quanto ao avanço do inimigo oriental, o Império Otomano, que ocorria no período. Essa questão pode explicar, em parte, porque a partir de 1500 até 1750 os artistas europeus produziram inúmeras representações acerca de cenas individuais da vida de Alexandre, realizadas com todo o tipo de técnicas e suportes das artes visuais (RODRIGUES E TELLES, 2015. p. 115). Além disso, parte de tais representações foram composições de ciclos iconográficos relativos à vida de Alexandre e de episódios referentes às suas conquistas contra Dario.

O episódio em que a família de Dario ficou submissa a Alexandre também fez parte de um dos principais temas que inspiraram um conjunto de oito pinturas monumentais, destinadas ao Palácio Real de La Granja de San Ildefonso, em Segóvia, na Espanha (RODRIGUES E TELLES, 2015. p. 116). As pinturas pretendiam ilustrar as virtudes do rei Filipe V[41], por intermédio da imagem de Alexandre da Macedônia (RODRIGUES E TELLES, 2015. p. 117), o que nos indica, portanto, como os reis da época moderna se valeram da imagem de Alexandre para con-

41. Filipe V foi rei da Espanha em duas ocasiões diferentes: a primeira de 1700 até sua abdicação em janeiro de 1724, e depois de setembro de 1724 até sua morte em 1746.

figurar qualidades às quais eles julgavam como necessárias para um exímio rei.

Segundo os autores Paulo Simões Rodrigues e Patrícia Delayti Telles, a pintura da família de Dario aos pés de Alexandre ou Alexandre na tenda de Dario teria sido a primeira composição "de um ciclo monumental dedicado à vida de Alexandre Magno, num total de cinco telas, com um claro propósito de identificação iconográfica com o Rei Sol[42]" (2015. p. 117), pintadas por Charles Le Brun[43]. Tais telas foram organizadas sob a forma de uma epopeia, com as expressões, as atitudes e as poses analisadas em detalhes, em que destacavam as façanhas guerreiras de Alexandre, "modelo lendário do grande monarca, a medida da campanha artística de propaganda e glorificação da monarquia e do rei soberano que Luís XIV irá montar a seu favor" (RODRIGUES E TELLES, 2015. p. 118). No entanto, é preciso ter em mente que tal apropriação de Luís XIV foi apenas mais uma dentre tantas, já que o rei absolutista preocupou-se ao longo de seu reinado com uma campanha extensa de propaganda, voltada a sua própria divinização. Apesar de outras apropriações, conta-se que foi com Alexandre

42. Rei Sol é a maneira que o rei absolutista francês Luís XIV foi chamado, seu reinado perdurou de 1643 a 1715.

43. Charles Le Brun foi um importante pintor francês, que viveu entre os anos de 1619-1690. Durante a segunda metade do século 17, Le Brun já se encontrava a serviço do rei absolutista francês, Luís XIV. O pintor foi responsável por dirigir a Academia Real de Pintura e Escultura, fundada pelo rei Sol, além de cuidar da decoração do Palácio de Versalles. Le Brun trabalhou para Luís XIV até a data de sua morte.

que o Rei Sol estabeleceu uma total identificação, pelo menos ao que se refere ao papel que ele desejava divulgar em sua Corte, ou seja, baseado em características acerca da generosidade, magnitude, autocontrole e clemência, costumeiramente vinculadas a Alexandre (RODRIGUES E TELLES, 2015. p. 118).

Em meio a essas questões e reapropriações, Rodrigues e Telles, baseados na tese do historiador alemão-americano Ernst H. Kantorowicz sobre os *dois corpos do rei*, nos oferecem importantes instrumentos para a reflexão acerca da mitificação de Alexandre ao longo do tempo. A tese de Kantorowicz colocou que durante um significativo intervalo de tempo, desde o final da Idade Média até o século 20, as monarquias europeias desenvolveram uma política fundamentada no conceito da existência de dois corpos do rei, um que seria o corpo político e o outro, o corpo natural (RODRIGUES E TELLES, 2015. p. 120). Assim, seria como se o rei pudesse ter um corpo físico e mortal, portanto sujeito às doenças, ao envelhecimento e ao sofrimento como todos os humanos. Ao mesmo tempo, também possuía um corpo político, este por sua vez idealizado, espiritual e imortal, transcendente da dimensão terrena, simbolizando o seu direito divino de governar (RODRIGUES E TELLES, 2015. p. 120).

Com essa concepção, os autores afirmam que a iconografia de Alexandre é, portanto, *ahistórica* e imperecível, pois, a imagem de Alexandre, o Grande, para sempre

jovem, heroico e virtuoso, oferece-se como um substituto ideal para a ideia do corpo místico do rei, majestoso por definição e imortal, justamente por encarar a própria essência da realeza (RODRIGUES E TELLES, 2015. p. 120).

Alexandre foi representado por diferentes iconografias, que, em sua maioria, exaltaram seus feitos militares e recriaram suas batalhas. O curioso, no entanto, é que o desejo por representações imagéticas não fora somente uma criação da posteridade para Alexandre, ele já se preocupava com sua imagem a ser divulgada, a qual desejava a representação de um "super-homem" semelhante aos heróis, ou quem sabe, até mesmo próximo da figura dos deuses.

Sabe-se que Alexandre promoveu expedições de artistas oficiais encarregados da missão da propaganda da sua imagem, como por exemplo, o escultor Lisipo, o pintor Apeles e ourives Pirgoteles. Nessas representações, apoiadas por ele próprio, ele é representado como quem olha em direção ao céu para dialogar com Zeus. Os artistas também o representavam com a cabeça cingida pelo diadema, símbolo real e de origem oriental.

Como já fora dito, Alexandre se utilizou da cunhagem de moedas para a propaganda do seu reinado, onde a imagem seria mais uma vez fundamental. Ele fez com que o artista o reproduzisse como Hércules envolto na pele do leão, o retrato por sua vez era tão individualizado que era difícil reconhecer Alexandre sob os traços do herói. Como essas moedas circulavam em todo o impé-

rio, pode-se imaginar sem dificuldade que a semelhança entre Alexandre e Hércules era aceita cada vez mais como um fato, mesmo nas cidades gregas. Segundo diversos autores, Alexandre, em 324/323 a.C., também teria desejado que seu caráter "divino" fosse reconhecido em toda parte oficialmente, tomando medidas próprias para seu culto em todo o império (BRIANT, 2010. p. 54).

Alexandre, o Grande, por ter sido considerado o maior conquistador da Antiguidade, também teve seus feitos admirados pelos conquistadores e líderes dos séculos posteriores, tais como Júlio César[44], Augusto César[45] e Napoleão Bonaparte[46]. Ainda hoje, em uma rápida busca, é possível encontrar diversos estudos que ressaltam a importância do rei macedônio quanto às táticas e ao planejamento militar utilizado por ele que serviram de inspiração no decorrer de toda a história.

44. Júlio César foi um patrício, líder militar e um importante político romano. Nasceu no dia 13, do mês que corresponde a julho no calendário atual, em 100 a.C., e faleceu em 15 de março de 44 a.C. Júlio César é outra figura histórica que tem seus feitos recorrentemente analisados. Ele é considerado um importante nome para a transformação da República Romana no Império Romano.

45. Augusto César foi o fundador do Império Romano e seu primeiro imperador, governando de 27 a.C. até o ano de sua morte em 14 d.C.

46. Napoleão Bonaparte foi um importante líder militar e político durante os últimos anos e estágios da Revolução Francesa. Adotou o nome de Napoleão I, e foi considerado como o Imperador dos franceses, de 18 de maio de 1804 a 6 de abril de 1814, posição que voltou a ocupar pouco tempo depois em 1815. Por meio das chamadas "guerras napoleônicas", foi o responsável por estabelecer a hegemonia francesa sobre a maior parte da Europa. Foi visto como um grande líder e conquistador do século 19, tendo sua figura também se tornado uma lenda atemporal.

A representação pode ser compreendida, portanto, como um gesto que visa tornar as coisas novamente presentes. Representar é colocar de volta no presente algo que estava distante. A representação relaciona-se a algo que existe ou existiu, mas que se encontra fora ou distante, seja no tempo ou no espaço (SILVA, 2012. p. 6). Representar é trazer de volta ao presente, é cultuar, é rememorar, é contribuir para que certo acontecimento, pessoa ou figura história nunca seja esquecida, mesmo que para lembrar seja necessário por vezes, também esquecer.

Além do poema e das pinturas, muitas obras literárias, antigas e contemporâneas foram produzidas utilizando-se de Alexandre e do contexto vivido por ele para dar luz a histórias que mesclaram os aspectos reais de sua vida com uma dose de imaginação, criando diálogos e situações nunca existentes, mas que enriqueceram o romance histórico criado. Alguns desses títulos são: *Triologia Aléxandros: O Sonho de Olympia* (1998), de Valerio Massimo Manfredi; *Campanha no Afeganistão: A História de um Soldado no Exército de Alexandre, o Grande* (2008), de Steven Pressfield; *Contos e Narrativas – Alexandre o Grande* (2008) de Dominique Joly, entre tantos outros. As publicações supracitadas, portanto, demonstram como as conquistas e a imagem mítica de Alexandre seguem se reinventando ao longo do tempo. Ele foi e é um personagem histórico sempre deslocado de seu próprio tempo, e agora é protagonista de romances e tem seus feitos divulgados a partir de uma dose de fantasia.

Até mesmo música, Alexandre já protagonizou. A banda britânica *Iron Maiden* lançou em seu sexto álbum de estúdio, *Somewhere in Time* de 1986, uma canção intitulada "Alexander the Great", que se propôs a reunir durante um pouco mais de oito minutos de duração, alguns dos principais feitos de Alexandre, relatados desde o início de sua vida até seu falecimento. A canção segue narrando suas principais conquistas militares, construindo e reforçando sua imagem como um grande conquistador e "deus" entre os mortais, que inspira medo e admiração no coração dos homens. A música reproduz, ainda, a ideia de que teria sido ele o responsável pela helenização dos territórios conquistados, hipótese bastante aceita entre os historiadores, tendo preparado o mundo para o cristianismo, quando diz (em tradução livre): "Ele espalhou o Hedonismo por todos os lados/A mente culta da Macedônia/ Sua cultura era uma maneira ocidental de vida/ Ele pavimentou o caminho para o cristianismo". O refrão, por sua vez, também é composto por palavras de efeito que mais uma vez servem para reforçar a imagem do jovem rei: "Alexandre o Grande/ Seu nome colocava medo nos corações dos homens/ Alexandre o Grande/Tornou-se um Deus entre os mortais". Percebe-se, portanto, a força da consolidação da imagem de Alexandre como um mito do mundo antigo, que ainda hoje desperta fantasias.

As representações acerca de sua vida também ganharam destaque nas produções fílmicas ao longo do tempo, ganhando diversas produções, inclusive *hollywoodianas*,

além de incontáveis documentários. Um desses filmes é *Alexander the great*, produzido em 1956, correspondendo ao gênero épico, dirigido e produzido por Robert Rossen e estrelado pelo ator Richard Burton.

Mais recente, a produção que ganhou destaque e um grande público de bilheteria foi *Alexander*, lançado em 2004 e dirigido por Oliver Stone. O filme também contou com a atuação de renomados atores do cinema norte-americano, como Angelina Jolie no papel de Olímpia, Val Kilmer como Felipe II e Colin Farrel como Alexandre. A crítica, por sua vez, não foi das melhores, já que o filme recebeu indicação como pior filme, diretor e pior roteiro. Considerou-se também a história pouco fiel aos relatos históricos já conhecidos. Com críticas ou não, seu alcance foi intenso, o que pode ser explicado pelo fascínio que Alexandre e sua época exercem sobre a contemporaneidade, talvez por ser ainda um território tão desconhecido e distante.

É possível supor, portanto, que as representações sobre o jovem rei macedônio não são apenas um produto da sua época, nem somente das sociedades contemporâneas, mas sim uma imagem *construída* a partir de diferentes suportes, sejam documentos escritos, poemas literários ou das produções iconográficas ou fílmicas que se desenvolveram ao longo do tempo. Os séculos que o sucederam conferiram aos feitos do jovem rei legitimidade, em que a crença em sua figura mítica foi perpassada de geração a geração e alimentada a partir das diversas re(invenções).

IX

Entre feitos e mitos: a longa duração do jovem rei

Se realizarmos uma rápida pesquisa pelos inúmeros dicionários de nomes disponíveis na internet, vamos nos deparar com o seguinte significado: Alexandre, nome de origem grega (Aléxandros), consiste na junção do verbo aléxo ("repelir, defender ou proteger") e do vocábulo andrós ("homem"), que juntos significam "o que protege os homens, defensor da humanidade".

Não é possível saber se Felipe II ao escolher o nome de seu primeiro filho já conhecia as origens e a significância do nome grego, o fato é que tal nomenclatura se encaixa perfeitamente para as discussões que foram trazidas até aqui. Não se trata de dizer que Alexandre, o Grande foi o defensor da humanidade e ofereceu proteção aos homens, mas é inegável que em seu contexto e círculo social ele fora admirado, respeitado e divinizado, ou seja, recebeu o alcance máximo de superioridade que um homem no mundo antigo poderia ter: ser comparado a um deus, a uma figura mítica.

Alexandre Magno tornou-se uma lenda, referência em vida por suas qualidades militares, imagem que ele próprio fez questão de perpetuar e divinizar, até mesmo como se soubesse que seus feitos expansionistas eram tão extraordinários que chegariam a se consolidar na história mundial. Mesmo que não o fosse, a ideia de "defensor", "conquistador", "invencível", "superior", "astuto", entre tantos outros adjetivos, fez parte das inúmeras representações relacionadas a ele, seja de seus contemporâneos ou de seus admiradores do mundo atual, por meio das *reinvenções* acerca de sua imagem. É possível dizer que com Alexandre ocorreu o mesmo fenômeno de outros personagens, líderes e figuras emblemáticas que atingiram o heroísmo, tornaram-se lendas, mitos e portanto, perpétuos no tempo.

Não se trata aqui de negar os feitos e a importância do jovem rei no contexto de sua vivência, que de fato foram surpreendentes e inusitados para o período. É fundamental, no entanto, ter em mente que a maioria das características atribuídas a ele e às suas qualidades, além de serem produtos da sociedade em que Alexandre viveu, também são representações e análises produzidas em um período posterior, e que portanto, carregam consigo as intenções de um outro tempo, formada a partir de objetivos diversos.

A importância das análises históricas não está somente naquilo que elas são capazes de *construir*, mas naquilo que elas são capazes de *desconstruir*. Descontruir

tudo aquilo que é tomado como certeza, que parecem inquestionável e reproduzido na longa duração. No decorrer dos capítulos, foi possível perceber como a construção da imagem de Alexandre se deu, obviamente não fora uma figura querida e unânime, mas ao contrário, chegou a causar repulsa na sua própria infantaria e foi acusado de violência e truculência, além das resistências que sofreu pelos povos dominados, subjulgados.

É interessante, sobretudo, perceber como figuras históricas dúbias, tais como o jovem rei macedônio, tornam-se imortais. Mais do que imortalidade, a elas são conferidas o *status* de mito, de lenda. Em uma busca simples sobre o significado do termo "mito", poderemos encontrar: "relato fantástico de tradição oral", "transformação de acontecimentos históricos em lenda", "carga simbólica atribuída a uma dada cultura", entre outros.

Todos esses significados, no entanto, podem nos servir como ponto de partida para a reflexão em torno de Alexandre e de seus feitos, ou seja, provavelmente sua história não teria sido contada aqui se ela não tivesse sido capaz de ultrapassar os diversos séculos que nos separam do mundo antigo, se não tivesse sido apropriada pelos diferentes âmbitos políticos, sociais e culturais das sociedades, se não tivesse sido ao menos criada e perpertuada em um imaginário.

Além disso, Alexandre tomou para si no decorrer da história todos os adjetivos positivos, alcançando a posição de *célebre* rei. Essa questão, por sua vez, parece-nos

até mesmo ingênua, pois, era inviável que o Grande alcançasse todos os objetivos somente em razão das suas *qualidades*, já tão descritas. É preciso olhar não apenas os feitos do jovem rei, mas de todos os personagens que estiveram a sua volta e contribuíram para que suas conquistas fossem alcançadas.

Nesse sentindo, é possível pensar que se não fossem a habilidade de seu pai e a expansão já idealizada e encaminhada ao Império Persa; o apoio de seus generais que foram fiéis e o acompanharam por todas as campanhas; a influência de sua mãe que o protegeu como pôde; os ensinamentos de Aristóteles; os casamentos com suas esposas e seus relacionamentos amorosos em geral; enfim, as configurações sociais como um todo em que nosso protagonista estava inserido, seus feitos não teriam atingido a mesma dimensão.

É necessário perceber, portanto, que a história é feita a partir de múltiplos sujeitos e múltiplas vozes, e nenhum feito ou evento histórico pode ser configurado a partir de uma única figura. Sempre é oportuno resgatar as figuras históricas que se tornaram *atemporais* e perduram durante séculos, no entanto, é ainda mais relevante direcionar nossos olhares com criticidade àquilo que nos é apresentado, já que conhecer os mecanismos envoltos na formação de um mito é muitas vezes mais elucidativo do que simplesmente perpertuar uma lenda.

Bibliografia

AUSTIN, M. e VIDAL-NAQUET, P. *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. Lisboa: Ed. 70, 1986.

BOSE, Partha. *Alexandre, o grande: a arte da estratégia*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

BOWDER, Diana. *Quem foi quem na Grécia Antiga*. Tradução de Maristela Ribeiro de Almeida Marcondes. São Paulo: Art Editora S.A. Phaindon Press Limited, 1982.

BRIANT, Pierre. *Alexandre, o Grande*. São Paulo: Editora L&PM, 2010.

CASTRO, Paulo de. *Alexandre: o grande*. São Paulo: Ed. Três, 1973.

CARLAN, Cláudio Umpierre e FARIA, Estela. *A política de Alexandre, o Grande e suas representações monetárias*. Revista Historiæ, Rio Grande, 2 (2): 43-52, 2011.

CORINO, Luiz Carlos Pinto. *Homoerotismo na Grécia Antiga – homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades*. Revista *Biblos*, Rio Grande, 19: 19-24, 2006.

CUNHA, Beatriz Aires Fernandes. *Quae sunt Alexandri, Alexandro: versões para a morte de Alexandre Magno e a disputa inicial pela sucessão na Babilônia em 323 a.C.* Universidade de Brasília, 2014.

CUSTÓDIO, Pedro Paulo. *Alexandre Magno: aspectos de um mito de longa duração*. São Paulo Annablume, 2006.

DETIENNE, Mareel. *L'Invention de la mythologie*. Paris, 1981.

DROYSEN, J. G. *Alexandre o Grande*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

FARIA, Estela de Melo. *As representações de Alexandre, o Grande pelo tempo*. XVII Encontro Regional. Minas Gerais: 2012.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. "O outro lado da moeda" na Grécia Antiga. In: *O OUTRO LADO DA MOEDA. Livro do Seminário Internacional.* Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2001.

FOX, Robin Lane. *Alexander the Great: A Biography*. London: The Dial Press. 1974.

_____. *The Search for Alexander*. Little Brown & Co. Boston, 1980.

_____. *Riding with Alexander*. In: Archaeology, 2004.

FUNARI, Pedro Paulo A. *Usos da Guerra do Peloponeso*. Revista Brasileira de História Militar. Ano II, n 4. Abril de 2011.

_____. *Grécia e Roma*. Vida pública e vida privada, cultura, pensamento e mitologia, amor e sexualidade. Coleção Repensando a História. São Paulo: Contexto, 2002.

GREEN, Peter. *Alexander of Macedon, 356-323 B.C.: A Historical Biography*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press. 1991.

HAMMOND, N.G.L. *O Gênio de Alexandre, o Grande*. Tradução de Julia Vidili. São Paulo: Madras, 2005.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. Tradução Mário Vilela. Revisão Técnica Margareth Rago. São Paulo: Contexto, 2001.

JOLY, Dominique. *Contos e Narrativas – Alexandre o Grande*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

LEME, André Luiz. *Ascensão e legitimação de Alexandre, o Grande, na Anábase de Alexandre Magno de Arriano de Nicomédia*. Revista Vernáculo, n. 21 e 22, 2008.

MANFREDI, Valerio Massimo. *Triologia Aléxandros: O Sonho de Olympia*. São Paulo: Editora Rocco, 1998.

MELERO, Raquel López. *Filipo, Alejandro y el mundo helenístico*. Madrid: Arco Livros, 1997.

MOSSÉ, Claude. *Alexandre, o Grande*. Tradução: Anamaria Skinner. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PRESSFIELD, Steven. *Campanha no Afeganistão: A História de um Soldado no Exército de Alexandre, o Grande*. São Paulo: Editora Suma de Letras, 2008.

PLUTARCO. *Alexandre e Cesar – vidas comparadas*. Tradução de Helio Vega. São Paulo: Escala, 2009.

Quinto Cúrcio: *Histoire d'Alexandre* (trad. franc). H. Bardon, Paris, CUF, I-II, 1961.

RICE, E. E. *Alexandre o Grande*. Tradução: Marcelo Mendes. 1ª edição. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.

RODRIGUES, Paulo Simões e TELLES, Patricia Delayti. *Alexandre e o corpo eterno do rei.* In: MARTÍN, Carlos Alcalde e FERRE I-RA, Luísa de Nazaré (coords). O sábio e a imagem: Estudos sobre o Plutarco e a Arte. Imprensa da Universidade de Coimbra: Editora Annablume, 2015. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/14216/1/Alexandre%20e%20o%20corpo%20eterno%20do%20rei.pdf> Acesso em: 14 de agosto de 2015.

SILVA, Jailson Pereira da. *Imagens, representações e identidades: pela historicidade das fontes, conceitos e problemas.* VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. Universidade Federal do Piauí – UFPI, 2012.

SHIPLEY, Graham. The Greek World after Alexander, *323-30 BC.* London; New York: Routledge, 2000.

SOARES, Fábio Augusto Morales. *Cidadãos e Habitantes: Por uma Dialética da Pólis.* In: M.B. Florenzano e E. Hirata (orgs). Estudos sobre a Cidade Antiga São Paulo: EDUSP, 2009.

SOLON, Ari Marcelo. *Direito e tradição: o legado grego, romano e bíblico.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

TARN, William. *Alexander the Great.* Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

TOYNBEE, Arnold J. *Helenismo, história de uma civilização.* Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego.* Tradução de Íris Borges B. da Fonseca. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

WALBANK, Frank. *The Hellenistic World.* Cambrigde; Massachusetts: Harvard University Press, 1993.

WHITLET, J. *A Cidade, o Estado e a Pólis.* In: The Archaeology of Ancient Greece. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ZAMA, Cesar. *Os três grandes capitães da antiguidade – Alexandre.* 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1987.

Páginas: 136
Família Tipografia: Electra LT Std

Desta forma, o guerreiro se lançou às investidas sobre as regiões que hoje correspondem ao Egito, Arábia e Afeganistão, além da Pérsia e da Grécia, expandindo seu Império, não registrando uma derrota sequer em sua trajetória e deixando lições sobre Poder, Sociedade e Cultura – como as encontradas nesta obra – para a eternidade.

Um dos maiores líderes da história não poderia ter outra alcunha. Alexandre, o Grande, registrou uma das mais fascinantes séries de expansões territoriais da Antiguidade, construindo um poderoso Império, capaz de revolucionar toda a formação da sociedade.

Discípulo de Aristóteles, invicto em todas as batalhas e guerras disputadas, fundador de dezenas de cidades e pioneiro em questões como pesquisas científicas e práticas de mercantilismo, Alexandre viveu durante apenas 33 anos.

Tempo suficiente, porém, para a humanidade reconhecer no Rei da Macedônia uma das figuras com maior legado para a posteridade, com grande parte destas lições sobre liderança, sociedade, estratégias e conquistas recheando esta obra.

Conteúdo clássico, prazeroso, repleto de informações pertinentes e, espantosamente, atuais. Leitura para os Grandes, assim como Alexandre.

ISBN 978-85-65042-58-1